

ASPECTOS LEXICAIS E ESTILÍSTICOS DO  
BUCOLISMO VERGILIANO

por

RUTH JUNQUEIRA DE FARIA

do Curso de Pós-Graduação em Língua  
e Literatura Latina, do Departamen-  
to de Letras Clássicas

Dissertação de Mestrado subme-  
tida à Comissão Coordenadora  
dos Cursos de Pós-Graduação

Orientador: Professor Sílvio Edmundo Elia

UFRJ - Faculdade de Letras  
1º semestre de 1974

À memória de

ERNESTO FARIA

## SINOPSE

A unidade na obra vergiliana. Vergílio e o ambiente rural. Originalidade e romanidade das Bucólicas. Elementos lexicais referentes à vida campestre. Motivos Helenísticos: eruditismos mitológicos e geográficos, alusões e recursos formais.

# S U M Á R I O

## INTRODUÇÃO

### 1 - VERGÍLIO E A TRADIÇÃO LITERÁRIA

### 2 - A COMPOSIÇÃO DAS BUCÓLICAS

2.1 - A natureza

2.2 - O pastor

2.3 - O amor

2.4 - O canto

### 3 - O VOCABULÁRIO CAMPESTRE

3.1 - O campo e seus designativos

3.2 - Nomes de animais

3.3 - Nomes de objetos

3.4 - Termos de ação

3.5 - Os vegetais

### 4 - PROCESSOS HELENÍSTICOS

4.1 - Deuses, heróis e topônimos

4.2 - Recursos estilístico-formais

4.3 - As alusões

## CONCLUSÃO

## BIBLIOGRAFIA

## RESUMÉ

## INTRODUÇÃO

Vergílio foi um dos mais notáveis artífices da língua latina, língua que adquiriu importância mundial, não só pela imensa área romanizada mas ainda pela influência literária exercida através dos tempos.

O poeta desempenhou papel relevante na formação do latim literário, graças aos seus amplos conhecimentos da língua.

A riqueza vocabular vergiliana vem contrastar na atualidade, - fato observado em diversos países, - com a deficiência de vocabulário das gerações novas, altamente influenciadas pelo progresso técnico da humanidade.

Desta forma o poeta latino desponta, sob esta perspectiva, como um exemplo a ser considerado.

O presente trabalho visa a estudar o Bucolismo Vergiliano em seus aspectos estilístico-lexicais. Entende-se por Bucolismo a composição literária na qual figuram pastores, num cenário campestre, segundo Paiva Boleó, na obra, O bucolismo de Teócrito e de Vergílio.<sup>1</sup>

Partindo de uma apreciação sobre o autor e sua obra estudar-se-ão os elementos bucólicos: pastor, natureza, canto e amor; o vocabulário rural, no que diz res-

<sup>1</sup> BOLEÓ, Manuel de Paiva. O bucolismo de Teócrito e de Vergílio. Coimbra, Bibl. Universidade, 1936. p.16.

peito à fauna, à flora e às atividades campestres; os recursos estilísticos onde se sobressaem técnicas e motivos helenísticos bem como elementos que dão caráter de atualidade e de romanidade à obra bucólica. Tais elementos, como será demonstrado no desenvolvimento do trabalho, já revelam um poeta amadurecido e apto para a realização, no decorrer de sua evolução literária, da obra máxima que exaltar a superioridade do povo romano perante os demais povos, virtude que Augusto, protetor de Vergílio e das letras latinas, tanto se esmerou em preservar e perpetuar, através da Pax Romana.

A respeito dos métodos modernos de abordagem da obra literária são válidas as mesmas críticas que Celso Cunha (v. bibliografia) faz sobre os métodos modernos de enfoque da língua, salientando que não se deve aderir sem crítica ao último -ismo da ciência, aplicando, sem discernimento, métodos que chegam pré-fabricados de países com tradição literária muito diversa porque muito diversas as suas condições sócio-culturais.

Para o estudo do Bucolismo vergiliano, em princípio, este trabalho segue as mais recentes pesquisas de J. Ferret sobre a obra e o autor, pela visão atual que apresentam.

Serviram ainda de base para esta dissertação, diversas outras publicações, cumprindo destacar como mais importantes: os estudos literários de Paiva Boléo sobre o

Bucolismo greco-romano; os estudos sobre estilística latina de J. Marouzeau; os trabalhos sobre vocabulário latino de A. Ernout e A. Meillet; os estudos sobre atividades rurais de Billiard e d'Hérouville; os estudos sobre a flora de J. André; os dicionários sobre antiguidade clássica de Lavedan, Pauly - Wissowa e Daremberg - Saglio.

Foram ainda utilizados nesta dissertação os textos críticos das edições Belles Lettres. Recorreu-se também aos comentários exegeticos das edições Garnier, Fauchette, Presses Universitaires de France e Hatier. As traduções dos originais gregos, transcritos neste trabalho, partem da tradução francesa das Edições Belles Lettres.

Finalmente, os mais sinceros agradecimentos aos Professores Sieglinde Barbosa Monteiro Autran, Marilda Evangelista dos Santos Silva e Edison Lourenço Molinari pelo incentivo e apoio à elaboração deste trabalho; aos demais colegas Professores Luís Carlos Marcelino, Paulo Roberto Guapiassú, Lívia Lindóia Paes Barreto Schleder pelo auxílio prestado, através de empréstimos de livros; a Hilda Junqueira, pela dedicação e empenho com que datilografou os originais desta dissertação.

## 1 - VERGÍLIO E A TRADIÇÃO LITERÁRIA

As Bucólicas, primeira publicação de Vergílio de que temos notícia, revelam não um escritor principiante no ofício das letras, mas um poeta absolutamente conhecedor de sua arte.

Outras obras de Vergílio que fossem anteriores às Bucólicas não chegaram ao nosso conhecimento. Existem somente hipóteses em torno de certas composições que figuram numa coletânea, intitulada Appendix Vergiliana.

Além das Bucólicas, escritas possivelmente entre 42 e 39 a.C., Vergílio legou-nos as Geórgicas, poema também consagrado à vida rústica, e, por fim, a Eneida que o enquadrou definitivamente entre os grandes épicos de todos os tempos.

Uma leitura superficial da obra vergiliana é bastante para sentir-se que existe uma perfeita unidade entre as mesmas e um contínuo progresso do pensamento do poeta.

Nas Bucólicas, já se observam, vez por outra, as preocupações de Vergílio com a sorte de Roma e com os conflitos políticos que atingiram seus contemporâneos. Outras passagens elas traduzem a sua esperança na pacificação e no reerguimento de Roma, no retorno do homem à felicidade.

Nas Geórgicas, que contam a história do mundo



sob o reino de Júpiter, mostra-nos o Poeta, o aprimoramento da natureza humana através de uma vida simples e rústica. Ele parece acreditar na pureza da vida agrícola, vida que conheceu na infância e que ama profundamente.

No seu poema épico, a Eneida, Vergílio mantém a mesma linha de pensamento das produções anteriores: a divindade, que vive entre os homens, procura utilizá-los na obra de reconstrução do mundo, cuja meta será a paz entre as nações, o que será atingido através de Roma, quando esta cumprir o seu alto destino junto aos povos: a Pax Romana.

Esta unidade que caracteriza a obra vergiliana também vai marcar as Bucólicas, dez composições aparentemente diversas.

O primeiro autor a esclarecer a unidade desta obra, demonstrando nela existir uma ordem concêntrica foi Paul Maury em Le secret de Virgile et l'architecture des Bucoliques.<sup>2</sup>

Segundo ele, as Bucólicas se correspondem duas a duas, obedecendo ao seguinte plano: I - IX, II - VIII, III - VII, IV - VI, grupos que formam um movimento ascendente que vai das extremidades para o centro e que representam um itinerário espiritual cujo ápice é a quinta Bucólica.

---

<sup>2</sup> MAURY, Paul. Le secret de Virgile et l'architecture des Bucoliques. Lettres d'Humanité, Paris, 3:71-147, 1944.

Apesar de diferentes elas apresentam semelhanças nos assuntos que desenvolvem: a primeira e a nona Bucólicas traduzem as provações terrestres; Vergílio nelas evoca os sofrimentos, as angústias decorrentes das lutas civis que contribuíram para desgraçar o homem, atingindo-o em seus bens e prejudicando-lhe a tranquilidade e o gozo da vida bucólica. O drama político é a nota dominante dessas peças, enquanto o sofrimento do amor, que constitui um empecilho para o homem atingir uma vida superior, prevalece no subsequente, isto é, a segunda e a oitava Bucólicas.

A terceira e a sétima evocam o poder libertador da música, enquanto a quarta e a sexta dão amplidão ao universo com as revelações sobre a felicidade futura e a idade de ouro que está próxima e o canto cosmogônico e mitológico que se desenvolve na última.

A quinta, centro da obra, representa o final deste itinerário espiritual, a glorificação da vida pastoral com a apoteose de Dáfnis.

A décima, que surgiu posteriormente, relata os amores sofridos de Galo, a sua renúncia à luta contra o amor e representa a despedida da obra, o adeus do poeta à poesia bucólica.

Além de tais simetrias Paul Maury revela a existência de equilíbrios numéricos, na época atual, enigmáticos e surpreendentes mas dignos de apreciação:

Bucólicas: I + II + III + IV = 330 versos

VI + VII + VIII + IX = 331 versos

Bucólicas: I + IX + II + VIII = 333 versos

III + VII + IV + VI = 330 versos

J. Perret, em Virgile, l'homme et l'oeuvre<sup>3</sup>, acha que estas simetrias numéricas podem comportar uma significação simbólica, mas que representam principalmente a estrutura do conjunto.

Para compreender Vergílio, nos tempos atuais, torna-se fundamental compreender o espírito da sua época.

Os antigos achavam que o escritor só alcançaria êxito se trabalhasse elementos anteriormente elaborados.

Partindo do modelo o poeta desenvolvia a obra literária segundo seu talento e sua maneira de sentir o universo.

Enquanto atualmente a originalidade é elemento de valor estético, na época clássica acontecia o inverso. A idéia de imitação dominava a estética antiga que pode caracterizar-se com as expressões: Mimesis: Poiesis (imitação, fabricação).

Seguindo, portanto, os moldes de sua época, Vergílio, ao escrever as Bucólicas, soube escolher o seu modelo grego. Sua preferência recaiu em Teócrito, um dos re-

---

<sup>3</sup> PERRET, J. Virgile, l'homme et l'oeuvre. Paris, Bouvin, 1952. p. 18.

presentantes mais completos do alexandrinismo, poeta que foi buscar a sua inspiração nos cantos dos pastores da Sicília e que soube libertar os seus Idílios do excesso de erudição e artificialismo que caracterizava a poesia da época.

Vergílio utilizou-se da mensagem teocriteana, fez amplo uso da "contaminatio", trouxe mesmo para suas Bucólicas versos do poeta grego sem, contudo, tornar-se um servil imitador.

Soube ser extremamente original naquilo que acrescentou ao seu modelo. As alusões, por exemplo, tão frequentes na sua obra e tão do gosto dos romanos devem ter contribuído para despertar o mais vivo interesse dos contemporâneos. Alusões a acontecimentos do momento que agitavam a opinião pública, tais como as expropriações de terras, assunto da primeira e da nona Bucólicas; alusões à apoteose de César na quinta e aos amores de Galo na décima Bucólica e, na quarta, alusões ao nascimento de uma criança que redimiria o mundo. Esta peça tem sido motivo de controvérsias as mais variadas e de múltiplas interpretações.

Vergílio sugere sem revelar, despertando o interesse e a curiosidade do leitor.

Na leitura das Bucólicas ocorrem, por vezes, passagens que permanecem obscuras e até uma certa imprecisão faz-se notar, ocasionalmente, o que não deixa de

contribuir para valorizar a arte vergiliana na elaboração de sua obra, pois, como diz Jean Cohen em Structure du langage poétique:

O poeta emprega a língua porque ele quer comunicar, isto é, ser compreendido. Mas ele quer ser compreendido de uma certa maneira: ele visa suscitar no destinatário um modo de compreensão específica, diferente da compreensão clara, analítica, que provoca a mensagem comum.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> COHEN, J. Structure du langage poétique. Paris, Flammarion, 1966. p. 100.

## 2 - A COMPOSIÇÃO DAS BUCÓLICAS

### 2.1 - A natureza

A idéia dominante na poesia bucólica que adquiriu forma literária com Teócrito é um sonho rústico, o que é perfeitamente explicável na época alexandrina, época em que os homens de cultura viviam no ambiente citadino, longe do povo, enclausurados nos cenáculos literários, escrevendo apenas para a classe intelectualizada.

Teócrito procurou evocar em sua obra, visões da vida campestre de acordo com o seu próprio ideal. A. Croiset e M. Croiset, fazendo observações, em sua obra Histoire de la littérature grecque, sobre este ideal teocriteano dizem:

derivado de uma série de impressões sinceras e formado numa inteligência que tinha o dom de ver as coisas com clareza, encerra uma grande parte da realidade. Como todo ideal portanto ele é feito de uma realidade transfigurada: o poeta seleciona alguns traços; elimina certos caracteres do real, modifica outros; e isto em vista de uma oposição mais nítida com a vida artificial e complexa da civilização contemporânea. Neste trabalho, aliás, segue o instinto de sua natureza de artista: ele se adapta a seu próprio gênio. Daí uma imagem pessoal e nova da natureza, dos homens que

nela vivem, dos seus pensamentos, dos seus sentimentos, de suas ocupações.<sup>5</sup>

Ao elaborar a sua obra, de acordo com o espírito da época, Vergílio procurou manter-se fiel ao seu modelo, mas, seguindo o seu instinto artístico, deu um caráter pessoal e romano à paisagem, ao pastor, ao canto e aos sentimentos, elementos essenciais da bucólica teocriteana, segundo Paiva Boléo.<sup>6</sup>

Vergílio revela-se verdadeiro artista na maneira de evocar alguns aspectos da vida do campo. Procura evitar, contudo, na descrição da natureza, a localização determinada. Apesar de certos pormenores da obra fazerem lembrar, de preferência, a sua própria terra, a região da Cisalpina, rica de vegetação e de cursos d'água com as suas siluae, as suas fontes e seus rios, o poeta, ao descrever a natureza, procura envolvê-la do mesmo tom de imprecisão que envolve as Bucólicas, como se verifica no texto:

Certe equidem audieram, quae subducere collēs  
incipiunt mollique iugum demittere cliuo,  
usque ad aquam et ueteres iam fracta cacumina  
| fagos,

(IX, 7-9)

Veza por outra apenas Vergílio acrescenta ao tex-

---

<sup>5</sup> CROISSET, A. & CROISSET, M. Histoire de la littérature grecque. Paris, 1928. v. 5. p. 192.

<sup>6</sup> BOLEO, Manuel de Paiva. op. cit. p. 48.

to um termo esclarecedor como ocorre na seguinte passagem com a palavra Mincius, reminiscência de sua infância, vivida em Mântua, às margens deste rio:

hic uiridis tenera praetexit harundine ripas  
Mincius,.....  
 (VII,12,13)

Segundo J. Perret<sup>7</sup> Vergílio foi buscar este cenário que criou para as suas Bucólicas na arte dos jardins paisagísticos que então tomava impulso em Roma e tinha a seu encargo a decoração dos parques das residências luxuosas da Vrbs.

O jardim paisagístico romano, tão do gosto deste povo sempre voltado para a Natureza, procurava, conforme informa P. Grimal em L'art des jardins<sup>8</sup>, reproduzir quadros que representavam paisagens construindo-os com o material fornecido pela natureza; prestava-se, assim, admiravelmente, à expressão da sensibilidade do povo romano. A presença da natureza estabelecia um contraste com a rigidez das formas arquitetônicas romanas. A paisagem representada, geralmente, por influência da mitologia grega, era uma paisagem sagrada da qual faziam parte os deuses, os heróis e os mortos. Assim, nestes jardins costumavam figurar santuários, túmulos, estátuas e também a

---

<sup>7</sup> PERRET, J. op. cit. p. 36.

<sup>8</sup> GRIMAL, Pierre. L'art des jardins. Paris, Presses Universitaires de France, 1954. p. 25.



gruta. Esta, relativamente rara na paisagem itálica, passa a ser elemento característico da nova arte, na Bucólica vergiliana, por intermédio da qual a palavra antrum se introduz na literatura latina:

non ego uos, posthac, uiridi proiectus in antro  
(I, 75)

.....Aspice ut antrum  
siluestris raris sparsit labrusca racemis,  
(V, 6-7)

Sed tu desine plura, puer; successimus antro,  
(V, 19)

.....Chromis et Mnasyllus in antro  
Silenum pueri somno uidere iacentem,  
(VI, 13-14)

.....; hic candida populus antro  
imminet et lentae texunt umbracula uites.  
(IX, 41-42)

A paisagem de paz e de tranquilidade que Vergílio encontrou nos parques das mansões romanas é propriamente a da Arcádia algumas vezes mencionada nas Bucólicas

Pan etiam Arcadia mecum se iudice certet,  
Pan etiam Arcadia dicat se iudice uictum,  
(IV, 58-59)

Pan deus Arcadiae uenit,.....  
(X, 26)

A Arcádia, para Vergílio, não representa uma região, um país localizado, mas sim a terra ideal dos lazes e dos cantos pastoris, terra de Pã, deus dos rebanhos.

J. Perret na obra Virgile<sup>9</sup> acha que a escolha teria recaído sobre a Arcádia porque, de acordo com a tradição, de lá provinha uma colonização que possuía estreitos liames com as origens de Roma.

Este sonho arcádico, esperança de uma terra ideal, era a preocupação do povo romano, cansado das lutas e guerras civis e ansioso pela pax romana de Augusto e o retorno da idade de ouro.

Fazendo uma perfeita identificação da Arcádia com as realidades novas, Vergílio veio atingir a sensibilidade do povo romano que tinha grande apego às tradições e amor à terra, à vida do campo.

O romano viveu sempre da terra, por isso identifica-se sempre com ela. Foi o campo que forjou os mais valorosos guerreiros de Roma. Na paz, aravam a terra; na guerra, trocavam a charrua pelas armas. Foi o "camponês-soldado" quem construiu a Vrbs e alargou suas fronteiras, não só em terra como em além-mar. Consolidada a estrutura do Estado Romano e também extintas as lutas internas, o romano depõe as armas e volta o seu pensamento outra vez para o campo. E Vergílio é o intérprete desta aspiração nacional. Já não é necessário lutar. Augusto concedeu a paz a seus súditos e confia em que eles devam retornar ao trabalho e ao culto das suas tradições nacionais. Daí a

---

<sup>9</sup> PERRET, J. op. cit. p. 32.

reabilitação das instituições pátrias, o restabelecimento dos cultos nacionais, a moralização dos costumes, o amparo aos artistas e escritores que vão perpetuar em suas obras a glória imperecível do povo romano - dentre eles, Vergílio.

## 2.2 - O pastor

Teócrito foi buscar nos campos da Sicília a personagem central de seus Idílios, isto é, o pastor, homem que leva a vida tranqüila do campo, junto ao seu rebanho, à sua flauta e à natureza, longe do ambiente agitado da cidade.

Vergílio também fez do pastor a figura mais importante das Bucólicas; apenas o pastor vergiliano é simples figura decorativa, aí presente como que para cumprir uma exigência da poesia bucólica.

O protagonista da bucólica vergiliana é antes um camponês que consagra grande amor ao solo, um pequeno proprietário de terras e não um rude pastor comum.

Seu universo diz G. Johnson em The pastoral of Vergil:<sup>10</sup> "é tumultuado por riscos, decepções e tristezas que assolam o mundo dos seres humanos".

As palavras do pastor Melibeus, personagem da

---

<sup>10</sup> JOHNSON, G. The pastoral of Vergil. Apud MILLER, Neil. O elemento pastoril no teatro de Gil Vicente. Porto, Inova, 1970. p. 20.

primeira Bucólica, são penetradas de preocupação e de nostalgia da terra que vai deixar e que teme não rever:

En unquam patrios longo post tempore finis,  
 pauperis et tuguri congestum caespite culmen,  
 post aliquot, mea regna uicens, mirabor aristas  
 (I, 67-69)

Em outros versos este mesmo pastor faz ao rebanho triste e dolorosa despedida, impregnada de sensibilidade e de melancolia. O pastor vai partir obrigado, porque foi despojado de seu patrimônio:

carmina nulla canam, non, me pascente, capellae,  
 florentem cytisum et salices carpetis amaras.  
 (I, 77-78)

De modo geral os pastores das Bucólicas têm maneira de falar distinta, fina, superior à dos homens do seu meio social, no diálogo que desenvolvem.

O pastor Menalcas da terceira Bucólica parece um podador de videiras nos versos:

Tum, credo, cum me arbustum uidere Miconis  
 atque mala uitis incidere falce nouellas  
 (III, 10-11)

No entanto, no diálogo que mantém mais adiante com o poeta Dametas ambos parecem entender de assuntos literários contemporâneos. Elogiam a obra de Galo e criticam Bávio e Mévio.

Damoetas

Pollio amat nostram, quamuis estrustica, Musam:  
 Pierides, uitulam lectori pascite uestro.

Menalcas

Pollio et ipse facit noua carmina: pascite taurum,  
iam cornu petat et pedibus qui spargat harenam.

Damoetas

Qui te, Pollio, amat, ueniat quo te quoque gaudet;  
mella fluant illi, ferat et rubus asper amomum.

Menalcas

Qui Bauium non odit, amet tua carmina, Mæui,  
atque idem iungat uolpis et mulgeat hircos.

(III, 84-91)

Títiro, pastor-personagem da sexta Bucólica, lembra o próprio Vergílio:

Nunc ego (.....  
.....  
agrestem tenui meditabor harundine musam.

(VI, 6 e 8)

Os pastores da sétima Bucólica, Córídon e Tírsis são pastores arcádicos:

Thyrsis ouis, Corydon distentas lacte capellas,  
ambo florentes aetatibus, Arcades ambo,  
et cantare pares et respondere parati.

(VII, 3-5)

O termo arcádico designa um estado de espírito do homem voltado para a poesia e o amor da natureza. O Arcade celebra em seus versos a vida tranqüila, a paz espiritual, a contemplação de uma natureza ideal. Em síntese, o árcaide é o intérprete da felicidade do gênero humano, ou seja, do homem que vive em contato com a natureza e com

ela se identifica.

A arcádia vergiliana é a transposição para o plano literário da Roma de Augusto. A vida arcádica simboliza a Pax Romana, a segunda idade de ouro preconizada na quarta Bucólica.

A arcádia de Vergílio é uma volta aos tempos primitivos de Roma, levando-se em conta que seus primeiros habitantes, bem como os seus ancestrais, constituíam uma comunidade de pastores e agricultores.

### 2.3 - O amor

O amor para os alexandrinos é uma paixão humana que atormenta as almas e os corpos, segundo A. Richter em Virgile La Huitième Bucolique.<sup>11</sup> Historiando o assunto, o autor informa que o tema remonta aos poetas líricos de Lesbos. Os demais gêneros poéticos, tragédia e epopéia, também deram a sua contribuição à pintura do amor conferindo, porém, mais patético a suas vítimas, enquanto o epigrama, retomando a tradição lírica, acrescentou-lhe nota pessoal: expressão da paixão forte e direta. A elegia, o epigrama e a bucólica apresentam uma certa aproximação através do amor-paixão.

A lenda de Dáfnis também mostrava os sofrimentos

---

<sup>11</sup> RICHTER, A. Virgile, la huitième Bucolique. Paris, Belles Lettres, 1970. p. 37.

mentos amorosos de seu herói, natural da Sicília, berço da poesia bucólica. O amor é tema da preferência dos pastores que o descrevem em seus cantos.

O amor ocupou lugar importante nos Idílios de Teócrito, e nas Bucólicas de Vergílio.

Na segunda, oitava e sobretudo na décima Bucólica, três poemas do amor, ele se aproxima dos elegíacos latinos, segundo A. Richter<sup>12</sup> na obra citada. Alguns termos referentes ao amor que Vergílio emprega evocam o poema 64 de Catulo<sup>13</sup> onde se observam: immiti (v. 94); perdita (v. 70); sancte puer curis hominum qui gaudia misces (v. 95). Em Vergílio encontram-se: indigno amore (X, 10); perdita (VIII, 88); saeuos amor (VIII, 47); insanus amor (X, 44); crudelis amor (X, 29); sollicitos amores (X, 6).

Na segunda Bucólica Vergílio canta os amores de um homossexual; na oitava, que se compõe de dois cantos, os de uma mulher abandonada (canto de Alfesibeu) e os de um pastor (canto de Damon) e na décima, os amores de Galo.

Nem sempre, porém, Vergílio trata o amor como mero assunto convencional exigido pela poesia bucólica e pelo gosto alexandrino. A sua sensibilidade se revela através dos versos, ele sabe se compadecer das personagens,

---

<sup>12</sup> RICHTER, A. op. cit. p. 37.

<sup>13</sup> CATULLE. Poésies. Texto est. e trad. par Georges Lafaye. Paris, Belles Letres, 1958.

vítimas do amor:

A! Corydon, Corydon, quae te dementia cepit?  
(II, 69)

Este verso Vergílio repetirá na sexta Bucólica,  
numa referência a Pasífae, a virgem infeliz:

A! uirgo infelix, quae te dementia cepit!  
(VI, 47)

Galo, iludido no amor, está triste e pede aos pastores Ar- / á  
caões que cantem as suas desventuras

Tristis at ille: Tamen, cantabitis, Arcades, in-  
quit,  
montibus haec uestris.....  
(X, 31)

O tema do amor varia de modulações de acordo  
com o espírito do cantor. Ora os versos traduzem a paixão  
que explode violentamente no jovem pastor que se apaixona:

ut uidi, ut perii, ut me malus abstulit error!  
(VIII, 41)

ora moderam o tom:

Omnia uel medium fiat mare. Viuite, siluae:  
(VIII, 58)

Outras vezes os pastores costumam evocar as a-  
maças através de versos melódiosos:

formosam resonare doces Amaryllida siluas  
(I, 5)

Huc ades, o Galatea: quis est nam ludus in undis?  
(IX, 39)



Nymphae, noster amor, Libethrides, aut mihi carmen,  
quale meo Codro, concedite.....

(VII, 21-22)

Nestas passagens o amor constitui simples matéria para o canto, pois, a primeira preocupação do poeta são os versos, a elaboração trabalhosa e perfeita de sua arte, conforme ele próprio declara quase no final da obra:

Haec saterit, diuae, uestrum cecinisse poetam,  
dum sedet et gracili fiscellam texit hibisco,  
Pierides:.....

(X, 70-72-)

#### 2.4 - O canto

Os versos bucólicos, compostos para serem cantados, tinham na música um elemento de suma importância. Os cantos costumavam ser intercalados nas composições, cantos impregnados de melodias e de ressonâncias.

Palavras como cano, canto, Musa, carmen, que fazem referências aos cantos dos pastores ou dos poetas-pastores são muito frequentes nas Bucólicas:

Quis caneret Nymphas?.....

(IX, 19)

An mihi, cantando uictus.....

(III, 21)

agrestem tenui meditabor harundine musam

(VI, 8)

.....aut mihi carmen  
(VII, 21)

O poder do canto bucólico sobre a natureza manifesta-se com frequência: árvores, animais, tudo pára, a fim de ouvir o canto comovente do pastor:

Omnia, quae Phoebus quondam meditante beatus  
audiit Eurotas iussitque ediscere laurus  
ille canit (pulsae referunt ad sidera ualles),  
(VI, 82-84)

Também na oitava Bucólica a natureza se associa ao canto do pastor: a novilha pára de comer, os lince e os cursos d'água não resistem ao encantamento provocado pelos versos dos poetas-cantores:

Pastorum musam Damonis et Alphisiboei  
immemor herbarum quos est mirata iuuenca  
certantis, quorum stupefactae carmine lynce  
et mutata suos requierunt flumina cursus  
(VIII, 1-4)

Na décima Bucólica são os loureiros, os tamarizinhos, os pinheiros, as montanhas e os rochedos que compartilham dos sofrimentos de Galo:

Illum etiam lauri, etiam fleuere myricae;  
pinifer illum etiam sola sub rupe iacentem  
Maenalus et gelidi fleuerunt saxa Lycae.  
(X, 13-15)

A poesia bucólica, que tem como forma o hexâmetro, pode variar no modo de apresentação de seu canto. Por vezes, um pastor profere a canção completa e outro

responde, como ocorre na oitava Bucólica, ou então, é o canto dialogado que se desenvolve, o canto amebou, desafio poético-musical de motivo lírico, entre dois pastores como que preparados para cantar e responder um ao outro:

.... et cantare pares et respondere parati.

(VII, 5)

### 3 - O VOCABULÁRIO CAMPESTRE

#### 3.1 - O campo e seus designativos

Vergílio ao tomar como material literário o ambiente campesino fez uma escolha acertada porque ia ao encontro do gosto do povo romano, povo de vida rural na sua origem e que guardava um grande amor à terra.

É conhecido o fato ocorrido com Lúcio Quíntio Cincinato que estava a cuidar da terra quando foi procurado, no campo, para ser investido do poder ditatorial.

As Bucólicas, escritas numa época em que a sociedade romana se achava envolta nas lutas civis, traziam para o seu público uma literatura de linguagem cuidada e simples, impregnada da vida pastoril.

A leitura destes poemas, que aliam a simplicidade bucólica e o requinte literário, deveria agradar ao romano, cansado das agitações políticas e voltado, por influência grega, para a cultura desinteressada das disciplinas do espírito, "lazer estudioso".

Para "lazer estudioso" o romano procurava a uilla, casa de campo, que lhe proporcionava vida mais agradável e tranqüila.

O êxito das Bucólicas residiu, pois, na maneira artística de que Vergílio se utilizou para combinar os elementos estreitamente ligados ao campo e os elementos

helenísticos num ambiente bucólico. Apresenta, na obra, um vocabulário campestre que revela o profundo conhecedor não só do campo mas também da língua, seu instrumento de trabalho.

É bastante representativo o número de nomes de animais e vegetais que figuram nos poemas. Entre os nomes ligados à fauna há predominância dos que se acham intimamente relacionados ao pastoreio: os bovinos, os caprinos e os ovinos, o cão, fiel amigo do pastor e o lobo, o terror dos rebanhos; também as aves e os insetos se fazem representar, bem como os termos ligados a ações e aos objetos referentes ao meio rural.

Para designar o campo Vergílio faz uso de diversos nomes como: ager, aruom, campus, noualia, pasoua e pratum:

#### Ager e agellus

.....undique totis  
usque adeo turbatur agris!

(I, 11-12)

.....ut possessor agelli

(IX, 3)

Nome antigo, de origem indo-européia, ager significa "campo cultivado" e o diminutivo agellus, no texto acima, "pequena propriedade rural".

#### Aruom

.....et dulcia linquimus aruam;

(I, 3)

Usado, de preferência, no plural, arua também significa "campo cultivado".

### Campus

molli paulatim flavescent campus arista  
incultisque rubens pendebit sentibus uua  
(IV, 28-29)

Campus, no sentido de terreno plano opõe-se a mons. J. Perret, no comentário que faz às Bucólicas<sup>14</sup>, opõe esta palavra campus, cujo sentido é "planície não cultivada", a ager e arua. Esta forma passou para as línguas românicas.

### Noualia

Impius haec tam culta noualia miles habebit  
(I, 70)

Plural poético de nouale, é outro termo designativo de "campus cultivados".

### Pascua

.....quamuis lapis omnia nudus  
limosoque palus obducat pascua iunco  
(I, 47-48)

Pascua significa "pastagens", "prado", e prende-se, como o substantivo pastor, ao verbo pasco.

### Pratum

ipse sed in pratis aries iam suaue rubenti  
murice, iam croceo mutabit uellera luto  
(IV, 43-44)

---

<sup>14</sup> VIRGIL. Les Bucoliques. Com. por Jacques Perret. Paris, Presses Universitaires de France, 1970. p. 51.

Termo antigo da língua, como campus, também passou para as línguas românicas.

### 3.2 - Nomes de animais

Para designar o rebanho, o gado, Vergílio fez uso das palavras: armentum, grex, pecus.

#### Armentum

Este nome é mais freqüente no plural, conforme figura nos textos das Bucólicas:

Canto, quae solitus, si quando armenta uocabat;  
(II, 23)

#### Grex

É outra forma designativa de rebanho, de origem popular e que apresenta uma espécie de redobro da raiz:

haedorum gregem uiridi compellere hibisco!  
(II, 30)

#### Pecus

É o coletivo designativo de rebanho, gado, de uso mais freqüente nas Bucólicas:

Formosi pecoris custos formosior ipse  
(V, 44)

Segundo A. Ernout e A. Meillet no Dictionnaire étymologique de la langue latine<sup>15</sup> o neutro pecus, -oris

---

<sup>15</sup> ERNOUT, A. & MEILLET, A. Dictionnaire étymologique de la langue latine; histoire des mots. 4. ed. Paris, Klincksieck, 1959. p. 491.

e o feminino pecus, -udis relacionam-se com uma forma antiga da língua, pecu que passaram a substituir. Pecu prender-se-ia à forma indo-européia \*pecu que significava "rebanho", ou, em sentido mais restrito "carneiro". O sentido de riqueza, que tanto \*peku como o seu derivado pecunia adquiriram, consideravam estes lingüistas como resultante de uma extensão semântica: a princípio, riqueza em rebanho e depois, simplesmente, riqueza.

E. Benveniste, em Le vocabulaire des institutions indo-européennes<sup>16</sup> apresenta minucioso estudo em que mostra como esta interpretação tradicional sobre \*peku e derivados deve ser reformulada. Observando esta palavra nos dialetos em que aparece, isto é, o indo-iraniano, o itálico e o germânico, demonstra como o sentido original de \*peku era de possessão mobiliária pessoal. Este sentido primeiro é que vem explicar os derivados: pecunia e peculium.

Só posteriormente, por razões extralingüísticas relacionadas talvez com as estruturas sociais e com as formas de produção é que peku foi usado para designar a posse do rebanho, o rebanho.

O vocabulário relativo aos bovinos é variado: bos, bucula, iuuencus e iuuenca, taurus, uacca, uitula.

---

<sup>16</sup> BENVENISTE, E. Le vocabulaire des institutions indo-européennes. Paris, Minuit, 1969. v. 1. p. 47.



Bos

Esta palavra apresenta um tratamento dialetal semelhante ao do osco-umbro e provavelmente também ao de certos falares rurais do Lácio por meio dos quais bos se teria introduzido em Roma.

A palavra indo-européia que significa bos designava o animal de raça bovina sem especificação de sexo. Nas Bucólicas é encontrada tanto no gênero feminino como no masculino.

Ille meas errare boues, ut cernis, et ipsum  
(I, 9)

Non ulli pastos illis egere diebus  
frigida, Daphni, boues ad flumina:.....  
(V, 24-25)

Bucula

Esta palavra prende-se a bos cujos derivados provêm de bou- ou bu(b)-. Segundo A. Ernout em sua obra Philológica II<sup>17</sup>, parece tratar-se de um sinônimo de uac-ula, muito raro:

per nemora atque altos quaerendo bucula lucos,  
(VIII, 86)

Iuencus e iuuena

Iuencus segundo A. Ernout e A. Meillet<sup>18</sup>, pro-

<sup>17</sup> ERNOUT, A. Philologica. Paris, Klincksieck, 1957.  
v. 2. p. 84.

<sup>18</sup> ERNOUT, A. & MEILLET, A. op. cit. p. 330.

vém do tema iuuen - com o sufixo -ko -. O adjetivo assim constituído iuuencus, foi utilizado pela língua rústica como substantivo e significando: iuuencus, novilho e iuuencu, novilha.

Ambos se fazem representar nos textos das Bucólicas:

Huc ipsi potum uenient per prata iuuenci  
(VII, 11)

immemor herbarum quos est mirata iuuencu  
(VIII, 2)

Tanto o nome iuuencus como iuuencu devem originar-se de um dialeto vizinho de Roma.

### Taurus

Este nome pertence ao vocabulário técnico de caráter popular, sendo encontrado nos dialetos itálicos, como o umbro que possui a forma toru.

Taurus é também frequente nas Bucólicas:

Pollio et ipse facit noua carmina: pascit taurum  
(III, 86)

### Vacca

A palavra uacca apresenta as geminadas cc, do tipo popular; deve, pois, ter tido origem no meio pecuário:

perducant aliquae stabula ad Cortynia uaccae  
(VI, 60)

### Vitula

Vitula é o feminino de uitulus, representado no

umbro por uitlu.

Vitulus passou às línguas românicas através de seu diminutivo uitellus, fato que vem demonstrar a predileção da língua rústica pelos diminutivos.

A palavra uitula, que significa "a novilha que não completou ainda um ano", figura várias vezes na terceira Bucólica:

Si aduitulam spectas, nihil est quod pocula laudes,  
(III, 43)

Para a designação dos caprinos Vergílio fez uso dos nomes: caper, capella, capreolus, haedus e hircus.

Caper, capella, capreolus

É com Vergílio que a palavra caper surge na literatura:

uir gregis ipse caper derrauerat;.....  
(VII, 7)

No texto Vergílio enfatiza caper com o aposto, uir gregis.

Caper tem como forma feminina capra, palavra não encontrada nas Bucólicas; Vergílio dá preferência ao diminutivo capella, que usa treze vezes e que figura sempre, no final do hexâmetro. Segundo A. Ernout, em *Philologica* II<sup>19</sup>, foi por comodidade de sua conformação métrica que capella passou a substituir capra na língua poética.

---

<sup>19</sup> ERNOUT, A. op. cit. nota 17. p. 84.

Quanto ao nome capreolus não se deve, pois, tomar como diminutivo uma vez que não existe uma forma capreus que lhe corresponda:

Tityre, dum redeo (breuis est uia) pasce capellas  
(IX, 23)

Praeterea duo, nec tuta mihi ualle reperti,  
capreoli, sparsis etiam nunc pellibus albo  
(II, 40-41)

### Haedus

Este nome segundo A. Ernout em Les éléments dialé-  
létaux du vocabulaire latin<sup>20</sup> apresenta variantes diale-  
tais: a forma rural edus e a sabina fedus.

Haedus ocorre em várias Bucólicas:

.....pascentis seruabit Tityrus haedos  
(V, 12)

### Hircus

De etimologia obscura hircus deve originar-se de um dialeto itálico. Possui um h talvez devido a influên-  
cia erudita.

Hircus ocorre duas vezes na terceira Bucólica:

Nouimus et qui te, transuersa tuentibus hircis,  
(III, 8)

Os ovinos são representados pelos substantivos:  
agnus, agna, aries e ouis, que é o mais frequente.

---

<sup>20</sup> ERNOUT, A. Les éléments dialétaux du vocabulaire la-  
tin. Honoré Champion, 1928. p. 154.

Agnus e agna

Agnus, a princípio, designava indiferentemente o gênero masculino ou o feminino. As palavras mas ou femina, acrescentadas ao substantivo, é que iam esclarecer o sexo do animal. A forma feminina surgiu posteriormente na língua:

sponte sua sandyx pascentis uestiet agnos  
(IV, 45)

Fedro, em muitas de suas fábulas<sup>21</sup>, apresenta o cordeiro como símbolo da fraqueza e da fragilidade.

O nome feminino ocorre no seguinte verso:

Mille meae Siculis errant in montibus agnae  
(II, 21)

Aries

Embora apareça poucas vezes nas Bucólicas é termo antigo e usual na língua:

...ipse aries etiam nunc uellera siccat,  
(III, 95)

Ouis

Este substantivo, de origem indo-européia, também, a princípio aplicava-se tanto ao gênero masculino como ao feminino. O gênero feminino generalizou-se posteriormente, pois os nomes terminados em -is eram, de modo geral, femininos e as fêmeas eram os animais componentes

---

<sup>21</sup> PHEDRE. Fables. Texto est. e trad. por Alice Brenot. Paris, Belles Lettres, 1924.

dos rebanhos. Era costume sacrificar os machos e desta eliminação resultava a predominância das fêmeas.

..... Pan curat ouis ouiumque magistros.

(II, 33)

No quadro campestre das Bucólicas acham-se presentes algumas aves como: anser, aquila, columba e palumbes, cornix, cycnus e olor, turtur, ulula.

### Anser

Termo rural que designa ave sagrada, os gansos celebrizaram-se na ocasião em que salvaram o Capitólio enquanto os cães dormiam, episódio que mereceu comentário de Plínio A. (X, 26).<sup>22</sup>

Anser aparece no seguinte verso da nona Bucólica em comparação de caráter proverbial que faz referência à sua voz desagradável:

....., sed argutos inter strepere anser olores

(IX, 36)

### Aquila

Ave considerada a mais forte e a mais nobre dentre todas, a única não atingida pelo raio de Júpiter, tornou-se símbolo das legiões romanas. Aparece numa comparação que ocorre na nona Bucólica:

Chaonias dicunt aquila ueniente columbas

(IX, 13)

---

<sup>22</sup> NISARD, M. Collection des auteurs latins. Paris, Firmin Didot, 1883. v. 1. p. 400.

Columba e palumbes

Columba é nome de uso antigo na língua latina que Vergílio apresenta em uma expressão proverbial, anteriormente citada na nona Bucólica. Em outras, emprega a palavra palumbes.

Chaonias dicunt aquila ueniente columbas

(IX, 13)

nec tamen interea raucae, tua cura, palumbes,

(I, 57)

ipse locum, aeriae quo congessere palumbes,

(III, 69)

Além do nome masculino palumbes, havia as formas palumbus, também nome masculino e palumba, feminino, que passaram para as línguas românicas.

Segundo P. d'Herouville em artigo na Revista de Estudos Latinos<sup>23</sup>, os romanos se serviam da palavra columba para designar a ave doméstica ou o pombo selvagem que faz seu ninho nos rochedos, enquanto palumbes indicaria o pássaro que o constrói nas árvores e que existia na Cisalpina.

Cornix

Era ave profética conforme mostra o texto:

ante sinistra caua monuisset abilice cornix

(IX, 15)

---

<sup>23</sup> HEROUVILLE, P. Les oiseaux de Virgile. Révue des études latines. Paris, 6:46-70, 1928.

A gralha tem grito bastante barulhento, talvez por isso Vergílio, nas Géorgicas<sup>24</sup>, qualifica-a de improba:

Tum cornix plena pluuiam uocat improba uoce  
(Georg. I, 388)

(Então a gralha importuna chama a chuva com voz cheia).

### Cycnus e olor

As duas palavras designam a mesma ave. Olor é encontrado sobretudo nos poetas da época imperial e em Plínio. Cycnus, de origem grega, é um empréstimo erudito e poético usado, anteriormente, por Lucrecio<sup>25</sup> em frase proverbial:

".....quid enim contendat hirundo / cycnis,"  
(III, 6-7)

(que pode, pois, a andorinha opor aos cisnes).

O cisne era ave consagrada a Apolo, fato lembrado por Cícero nas Tusculanas.<sup>26</sup>

Itaque commemorat, ut cycni, qui non sine causa Apollini dicati sint, sed quod ab eo diuinationem habere uideantur, qua prouidentes qui in morte boni sit, cum cantu et uoluptate mo-

<sup>24</sup> VIRGILE. Géorgiques. Texto est. e trad. por E. de Saint Denis. Paris, Belles Lettres, 1956. p. 388.

<sup>25</sup> LUCRÈCE. De la nature. Trad. de A. Ernout. Paris, Belles Lettres, 1924. v. 1. p. 98.

<sup>26</sup> CICÉRON. Tusculanes. Texto est. e trad. por Jules Humbert. Paris, Belles Lettres, 1931. v.1. p. 45.



riantur".

(Assim lembra que os cisnes que foram dedicados a Apolo não sem motivo, mas porque parecem ter dele o senso profético, porque morrem com canto de alegria, pois prevêem o bem que comporta a morte).

(Cíc. Tusc. I, 73)

Olor e cycnus aparecem nas Bucólicas, nos seguintes textos:

candidior cycnis, hedera formosior alba  
(VIII, 38)

cantantes sublime ferent ad sidera cycni  
(IX, 29)

...., sed argutos inter strepere anser olores.  
(IX, 36)

Os cisnes, na paisagem bucólica, fazem lembrar a região de Mântua, o mundo itálico portanto.

### Turtur

Termo expressivo que apresenta redobro da raiz, faz-se representar num verso da primeira Bucólica:

nec genere aera cessabit turtur ab ulmo  
(I, 58)

### Vlula

Nome de ave temida pelo seu canto de mau agouro, figura na seguinte comparação proverbial:

certent et cycnis ululae .....  
(VIII, 55)

Entre os nomes de insetos que figuram nas Bu-

cólicas encontram-se: apes e cicada.

### Apes

Os antigos prestavam cuidados especiais à criação das abelhas. O próprio Vergílio lhes consagrou o quarto livro das Geórgicas. A antiguidade, porém, segundo Daremberg e Saglio, na obra Dictionnaire des antiquités grecques et romaines<sup>27</sup>, possuía algumas noções erradas a respeito desses insetos: achava que as abelhas podiam gerar espontaneamente, sob o cadáver de um boi em putrefação, que tinham a governá-las um rei, isto é, um macho e que o orvalho dava origem ao mel, cabendo-lhes unicamente a função de transportá-lo para os favos.

Nas Bucólicas Vergílio faz referências às abelhas e também ao enxame de abelhas, examen:

Hyblaeus apibus florem depasta salicti  
(I, 54)

Sic tua Cyrneas fugiant examina taxos  
(IX, 30)

### Cicada

Palavra expressiva, originária da região mediterrânea. Os antigos acreditavam, conforme informa o texto, que a cigarra se alimentava de orvalho:

dumque thymo pascentur apes, dum rore cicadae  
(V, 77)

---

<sup>27</sup> DAREMBERG, Ch. & SAGLIO Edm. Dictionnaire des antiquités grecques et romaines. Paris, Hachette, 1896. v. 1. p. 304.

Apesar de não se enquadrarem nos grupos anteriormente estudados, o cão e o lobo também foram relacionados, tendo-se levado em conta o muito que representam na vida do campo:

### Canis

Companheiro inseparável do homem, de quem se revelou sempre amigo fiel, o cão é animal que também figura neste ambiente bucólico.

Antigo na língua, costuma ser usado tanto no gênero masculino como no feminino:

Sic canibus catulos similis.....

(I, 21)

Neste verso ocorre a forma catulus que, a princípio, significava filhote de animal, mas depois ficou com o sentido restrito a canis designando o filhote do cão, conforme ocorre no texto.

### Lupus

Segundo A. Ernout e A. Meillet<sup>28</sup> lupus é uma das palavras sabinas introduzidas no latim. Os lobos eram frequentes nas montanhas desta região. O próprio Horácio numa de suas Odes faz referência ao fato.

"..... silua lupus in Sabina ....."

(.....na floresta sabina, um lobo.....).

(Od. I, 22, 9)<sup>29</sup>

<sup>28</sup> ERNOUT, A. & MEILLET, A. op. cit. p. 370.

<sup>29</sup> HORACE. Odes et Epodes. Texto est. e trad. por F. Villeneuve. Paris, Belles Letres, 1946. p. 34.

O lobo era animal protetor dos sabinos que o cultuavam. Mais tarde, quando estes se uniram aos romanos, conservaram a loba como animal sagrado que passou a simbolizar a própria Roma.

O lobo desempenhava ainda papel importante nas crenças e provérbios populares. Segundo uma crença, a que Vergílio se refere numa das suas Bucólicas, aquele que o lobo visse primeiro perderia a voz:

nunc oblita mihi tot carmina, uox quoque Moerim  
iam fugit ipse; lupi Moerim uidere priores  
(IX, 53-54)

Esta crença acha-se referida também por Plínio<sup>30</sup> (VIII, 22, 34) na seguinte passagem:

Sed in Italia quoque creditur luporum uisus  
esse noxius, uocemque homini quem priores con-  
templentur adimere ad praesens (mas na Itália  
acredita-se que a vista do lobo é funesta e que  
o homem perde a voz se eles o virem primeiro).

Outros versos das Bucólicas referem-se à velha crença na transformação do homem em lobo:

his ego saepe lupum fieri et se condere siluis  
Moerim, saepe animas imis excire sepulcris  
atque satas alio uidi traducere messis  
(VIII, 97-99)

Também esta crença antiga não escapou ao juízo

---

<sup>30</sup> PLINE, A. Histoire naturelle. Texto est. e trad. por A. Ernout. Paris, Belles Lettres, 1952. v. 8. p. 51.

orítico de Plínio (VIII, 22, 34)<sup>31</sup> que a qualifica de falsa.

Na terceira Bucólica é ressaltado o poder maléfico do lobo entre os rebanhos:

Triste lupus stabulis.....  
(III, 80)

### 3.3 - Nomes de objetos

#### Auena

siluestrem tenui musam meditaris auena  
(I, 2)

Auena significa o instrumento musical rústico que acompanha o pastor e o nome é tirado do caniço cuja haste serviu para sua fabricação.

Além da palavra auena as Bucólicas contam com numerosos nomes para traduzir a flauta: calamus, cicutā, fistula, harundo, stipula e tibia. Com exceção deste último são, de modo geral, nomes tomados, por processo metonímico, aos caniços utilizados na fabricação das flautas.

#### Calamus

É empréstimo grego atestado desde Plauto.

Pan, primus calamos cera coniungere pluris

---

<sup>31</sup> PLINE, A. op. cit. p. 51.

instituit;.....

(II, 32-33)

O texto faz referência à origem da flauta, instrumento, segundo a mitologia, inventado por Pã, divindade campestre freqüente nas Bucólicas. Vergílio harmoniza com arte o elemento mitológico e o campestre.

Num verso da oitava Bucólica o poeta também alude à invenção deste instrumento musical, acrescentando a calamus o adjetivo inertis, empregado no seu exato sentido etimológico (in-ars), conforme explicam F. Plessis e P. Lejay em Oeuvres de Vergile.<sup>32</sup> Vergílio, além de poeta era profundo conhecedor da língua, segundo J. Marouzeau no artigo "Virgile linguiste".<sup>33</sup>

Panaque, qui primus calamos nom passus inertis  
(VIII, 24)

### Ciouta

Est mihi disparibus septem compacta cicutis  
fistula.

(II, 36-37)

Este nome não possui etimologia certa. Marouzeau em sua obra Quelques aspects de la formation du la-

---

<sup>32</sup> PLESSIS, F. & LEJAY, P. Oeuvres de Virgile. Paris, Hachette, 1918. p. 63.

<sup>33</sup> MAROUZEAU, J. Virgile linguiste. In: ---. Mélanges de philologie, de littérature et d'histoire anciennes offerts à Alfred Ernout. Paris, Klincksieck, 1940. p. 259.

tin littéraire<sup>34</sup> acha que é possível aproximá-lo do som muito agudo que as crianças costumam arrancar de certas hastes umbelíferas.

### Fistula

hic arguta sacra pendebit fistula pinu  
(VII, 24)

Palavra cujo sentido geral é de "canal no interior de uma haste de caniço", aí significa flauta.

Para dizer que o pastor vai renunciar à música oferecendo a flauta a Pã, Vergílio recorre às imagens metafóricas que contribuem para enriquecer o texto utilizando-se ainda dos adjetivos arguta e sacra que se referem, reciprocamente, a fistula e a pinus.

### Harundo

agrestem tenui meditabor harundine musam  
(VI, 8)

Este termo teve o mesmo desenvolvimento que calamus, isto é, designava todo objeto feito do caniço que tem este nome ou que apresentava forma semelhante. O adjetivo tenui denota a sua fragilidade.

### Stipula

..... aut unquam tibi fistula cera  
iuncta fuit? Non tu in triuis, indocte, solebas

---

<sup>34</sup> MAROUZEAU, J. Quelques aspects de la formation du latin littéraire. Paris, Klincksieck, 1949. p. 85.

stridenti miserum stipula disperdere carmen?

(III, 25-27)

O poeta opõe stipula, instrumento musical rústico, posto em realce pelo adjetivo stridenti e pela aliteração, stipula, stridenti a fistula cera/iuncta que figura no verso anterior.

### Tibia

Incipe Maenaliis mecum, mea tibia uersus

(VIII, 21)

O nome tibia só aparece nesta Bucólica e neste refrão. Além do sentido de flauta tibia pode ainda significar "tibia, osso da perna ou a própria perna", segundo registram os dicionários. O sentido de flauta, porém, é o mais antigo e a ele se prendem palavras como: tibicen, tibicina, tibicinium, tibicinator, tibinus, tibiarius.

### Casa

atque humilis habitare casas,.....

(II, 29)

Além deste nome usado para indicar o tipo de moradia campestre, também existem outros que dele se aproximam pelo sentido: tugurium, uilla. Somente casa e uilla passaram para as línguas românicas.

### Tugurium

pauperis et tuguri congestum caespite culmen,

(I, 68)



Segundo A. Ernout e A. Meillet<sup>35</sup>, tugurium é nome que a etimologia popular procurou aproximar de tēgo, "cobrir", daí a grafia tegurium, que também ocorre.

### Villa

et iam summa procul uillarum culmina fumant  
(I, 82)

A. Ernout, em Philologica<sup>36</sup> aproxima uilla de uicus e explica que este diminutivo uilla designava a "propriedade rural" cultivada pelo uilicus. Posteriormente tendeu a perder seu caráter rural e passou a tomar sentido mais aristocrático, "casa suntuosa".

### Aratrum

Aspice, aratra iugo referunt suspensa iuueni,  
(II, 66)

Instrumento usual da lavoura, a charrua permitia fazer rapidamente trabalhos importantes. Segundo a lenda foi inventada por Ceres, fato a que Vergílio se refere nas Geórgicas:<sup>37</sup>

Prima Ceres ferro mortalis uertere terram  
instituit,.....

(Geo. I, 147-148)

(Ceres, a primeira, ensinou aos mortais a revolver a terra com o ferro).

---

<sup>35</sup> ERNOUT, A. & MEILLET, A. op. cit. p. 706.

<sup>36</sup> ERNOUT, A. Philologica<sup>I</sup> Paris, Klincksieck, 1949. p. 10885.

<sup>37</sup> VIRGILE. op. cit. nota 24. p. 7.

A charrua primitiva ou arado era instrumento extremamente simples, feito de uma só peça e se compunha de um tronco comum de árvore cuja parte inferior se dobrava para sulcar a superfície do solo.

### Falx

Tum, credo, cum me arbustum uidere Miconis  
atque mala uitis incidere falce nouellas.

(III, 10-11)

Era instrumento recurvado, de uso agrícola, destinado a ceifar ou, como informa o texto, a cortar a vinha.

### Fiscella

..... et gracili fiscellam texit hibisco,

(X, 71)

Nome derivado de fiscus, aplica-se a toda espécie de trabalho feito de vime ou de junco podendo este objeto servir de recipiente.

### Iugum

Aspice, aratra iugo referunt suspensa iuueni,

(II, 66)

Objeto que consta de uma peça de madeira que passa pelos chifres e pescoço de dois animais de trela.

### Mulctra

bis uenit ad mulctram, binos alit ubere fetus

(III, 30)

A forma deste objeto usado para ordenhar não é

bem conhecida, mas deveria ser uma espécie de tigela ou de balde.

### Pedum

At tu sume pedum,.....  
(V, 88)

Era um cajado de pastor que tinha um gancho de ferro, próprio para segurar o pé da ovelha, no momento da tosquia.

### Raster ou rastrus

Non rastrus patietur humus,.....  
(IV, 40)

Instrumento usado na lavoura antiga, empregavam-no para desfazer os torrões ou para limpar os campos. Formado de vários dentes servia ao mesmo tempo de forçado, ancinho e enxada.

### Sacellum

et quo (sed faciles Nymphae risere) sacello...  
(III, 9)

Segundo F. Plessis e P. Lejay<sup>38</sup>, sacellum era um pequeno santuário rústico consagrado às musas. Sacellum é, quanto à forma, um diminutivo, mas, quanto ao sentido, é empregado com o valor do substantivo simples.

### Serta

Nome mais frequentemente usado no plural, pren-

---

<sup>38</sup> PLESSIS, F. & LEJAY, P. op. cit. p. 17.

de-se ao verbo serere e significa "guirlanda feita de flores e folhas trançadas".

### 3.4 - Termos de ação

Entre os termos de ação que se prendem à vida do campo encontram-se relacionados não só os que indicam os afazeres do pastor mas também os que denotam atividades ligadas aos animais ou às plantas.

#### Agere e cogere

..... En ipse capellas  
protinus aeger ago; .....

(I, 13-14)

Antigo termo da língua pastoral, agere tem, no texto, o sentido de "empurrar para a frente, tocar", e é empregado transitivamente. Quando usado como intransitivo significa "dirigir-se para, ir".

Do sentido primitivo de "empurrar para a frente" passou a designar a atividade em seu exercício contínuo. Agere é, portanto, essencialmente durativo, indicando a atividade que se desenvolve.

Nas línguas técnicas agere possui várias acepções: "cumprir os rituais, sacrificar", na língua religiosa; "encaminhar uma ação de acordo com a lei, advogar", na língua jurídica; "desempenhar um papel, representar", na língua do teatro; "ser ativo", em oposição a pati, na téc-

nica gramatical. O seu composto exigo faz supor que também designou a "ação de pesar".

Cogere prende-se a agere e significa "levar junto, reunir no mesmo lugar, juntar", sentido que ocorre no verso:

Tytire, coge pecus, tu post carecta latebas,  
(III, 20)

Na linguagem rural especializou-se também no sentido de "condensar, reduzir", conforme se verifica nas Geórgicas:<sup>39</sup> nam frigore mella/cogit hiems (pois o frio do inverno reduz o mel).

#### Carpere

.....non, me pascente, capellae  
florentem cytisum et salices non carpetis amaras  
(I, 78)

Termo de ação, antigo na língua, usual e clássico, costuma ser empregado tanto em acepções concretas como em sentido abstrato. No texto prende-se à linguagem rural e significa "colher, arrancar, pastar". Na língua dos tecelões, "carmear, desfiar, rasgar". Na língua comum, "escolher" e também "gozar".

#### Conserere e inserere

..... His consequimus agros!  
(I, 72)

---

<sup>39</sup> VIRGILE. op. cit. nota 24. p. 59.

Inserere, nunc Meliboeae pios, pone ordine uitis!  
(I, 73)

Tanto conserere como inserere são verbos que se prendem a serere. O primeiro tem no texto sentido de "semeiar" e o segundo, o de "enxertar, plantar".

### Ducere

..... hanc etiam, uix, Tityre, duco  
(I, 13)

Este verbo opõe-se a ago e significa "conduzir, comandar". Antigo termo da língua pastoral, prende-se ao nome dux, isto é, "o que caminha a frente do rebanho". Em sentido figurado é empregado com numerosas acepções designando tudo que se relaciona com a idéia de "conduzir": ducere aquam, ducere murum. Também costuma ser empregado em sentido metafórico: ducere carmem, ducere bellum, ducere rationes; e, em emprego especial, ocorre a expressão ducere uxorem, que significa "desposar" (em relação ao homem). Usado intransitivamente ducere significa "contar, estimar".

### Ferre

..... omnis feret omnia tellus  
(IV, 39)

Verbo de acepção ampla, ocorre no texto com o sentido de "produzir", sentido que é realçado com a repetição omnis... omnia e a disjunção omnis... tellus.

Ferre significa ainda "levar, trazer".

Gemere

nec gemere aëria cessabit turtur ab ulmo.

(I, 58)

Gemere significa "gemer, queixar-se"; pode aplicar-se tanto ao ser humano como ao animal. No texto, faz referência ao arrulho da pomba-rola, turtur.

Iungere

atque idem iungat uolpis et mulgeat hircos.

(III, 91)

Do sentido que ocorre no texto, isto é, "unir por pares", pôr o jugo, atrelar", iungere passou a significar simplesmente "unir, juntar ou reunir".

Latrare

.....multum latrante Lycisca?

(III, 18)

Latrare é ação que denota maneira normal de exprimir do cão, significa "ladrar, latir", assim como o verbo glattire, empregado, de preferência, quando se trata de cachorro pequenino. Gannire e ululare (verbo onomatopáico) podem ocorrer com o sentido destes verbos mas traduzem também a voz humana.

Legere

serta mihi Phylis legeret,.....

(X, 41)

Este verbo acha-se, no texto, empregado no seu sentido primitivo, "colher, juntar". Novos matizes, porém,

se acrescentaram a esta primeira significação como: "recolher, reunir, escolher, ler". Esta última, fruto de evolução semântica obscura, foi a que passou para as línguas românicas. É provável que tenha surgido através de expressões como legere oculis "reunir as letras com os olhos" ou de expressão técnica como senatum legere (apelar para os senadores), de onde resultaria o sentido de "ler a lista de", e finalmente, "ler em voz alta", sentido frequente do verbo legere, e, por fim, "ler".

### Mulgere

..... et mulgeat hircos  
(III, 91)

Mulgere significa "ordenhar". Este termo de ação tem por complemento o nome hircos e a frase proverbial denota ação impossível.

### Pascere

Pascite, ut ante, boues, pueri;.....  
(I, 45)

O sentido geral deste verbo é "alimentar, nutrir, engordar"; especializou-se depois no de "fazer pastar e pastar". Nesta última acepção é usado com mais frequência na forma médio-passiva. Assim, em pascor há uma idéia reflexiva:

dumque thymo pascentur apes.....  
(V, 77)

Ante leues ergo pascentur in aethere cerui,  
(I, 59)



Stringere

..... Hic ubi densas  
agricolae, stringunt frondis, hic, Moeri, canamus:  
 (IX, 60-61)

Stringere tem como sentido próprio e figurado "cerrar, apertar, estreitar". Na língua agrícola, porém, costuma ser empregado no sentido de "podar", que é o sentido do texto.

Strepere

....., sed argutos inter strepere anser olores,  
 (IX, 36)

Verbo que indica barulho, ruído, algazarra, também denota voz de animal, significando "grasnar" como ocorre no verso acima.

## 3.5 - Os vegetais

J. André, no prefácio de sua obra Lexique des termes de botanique en latin<sup>40</sup>, informa que o estudo dos vegetais foi bastante negligenciado nos dicionários latinos e numerosas confusões neles ocorrem. As informações bibliográficas são insuficientes e seus estudos bastante dispersos, havendo grande número de plantas não identificadas e falta de coordenação entre pesquisas de botânicos

---

<sup>40</sup> ANDRÉ, Jacques. Lexique des termes de botanique en latin. Paris, Klincksieck, 1956. p. 5.

e filólogos. Além do mais, não possuindo os antigos concepção científica da botânica, confundiam, por exemplo, folha e pétala designando ambas com o mesmo termo, folium. Costumavam dividir as plantas em: alimentares, coronárias, medicinais e aromáticas. As plantas inúteis não possuíam nomes especiais, eram simplesmente as herbae. As que se assemelhavam por características morfológicas ou por determinadas propriedades tinham o mesmo nome.

É bem grande o número de vegetais encontrados nas Bucólicas. Vergílio deve ter ido buscar esses nomes nas reminiscências de sua infância ou nas suas leituras. São plantas que floresciam nos campos e nos prados das terras itálicas, utilizando-se, apenas excepcionalmente, de termos colhidos mais distantes.

Observa-se na obra uma predominância de plantas ornamentais, plantas consagradas às divindades, plantas odoríferas cujo perfume se misturava ao colorido das flores.

As plantas formam os bosques, muito frequentes no ambiente bucólico, que Vergílio chama de lucus ou nemus:

per nemora atque altos quaerendo bucula lucos  
(VIII, 86)

Termo, porém, designativo de bosque e muito mais amplamente usado é silvae que significa não a floresta, onde a vida pastoral seria impossível, mas os terrenos

sombreados de árvores e em que vivem pastores e rebanhos, conforme explica M. Desport, em sua obra L'incantation virgilienne.<sup>41</sup> Palavra característica das Bucólicas pois que se encontra em todas, com exceção da nona, sempre usada no plural, as siluae são elementos dominantes na paisagem bucólica aos quais outros traços da vegetação e do campo se acrescentam:

Ergo alacris siluas et cetera rura uoluptas  
 .....tenet.....  
 (V, 59-60)

São as siluae que aproximam do canto bucólico o canto mais elevado a que se refere o verso:

Si canimus siluas, siluae sint consule dignae  
 (IV, 3)

Entre os nomes de caráter genérico de que Vergílio fez uso para traduzir os vegetais contam-se entre os mais frequentes: arbos, arbustum, herba.

.... nunc omnis parturit arbos  
 (III, 56)

Tum, credo, cum me arbustum uidere Miconis  
 atque mala uitis incidere falce nouellas  
 (III, 10-11)

Este é o único exemplo registrado nas Bucólicas da palavra arbustum usada no singular. Nas demais passagens ocorre no plural:

---

<sup>41</sup> DESPORT, Marie. L'incantation virgilienne. Bordeau, Delmas, 1952. p. 23.

ipse te fontes, ipsa haec arbusta uocabant  
(I, 39)

O derivado arbustum parece, segundo A. Ernout em *Philologica* II<sup>42</sup>, indicar a existência de um antigo neutro arbōs.

Herba é nome indo-europeu que traduz planta de crescimento espontâneo, planta venenosa ou a parte verde do vegetal:

..... latet anguis in herba  
(III, 93)

..... et fallax herba ueneni  
(IV, 24)

Entre os numerosos nomes de plantas, sejam elas árvores, arbustos ou mesmo plantas menores notam-se os seguintes:

#### Abies

..... abies in montibus altis  
(VII, 68)

Nome préindo-europeu mas não mediterrâneo, segundo J. André<sup>43</sup>, o abeto era planta que crescia nas montanhas.

#### Acanthus

Mixtaque ridenti colocasia fundet acantho  
(IV, 20)

---

<sup>42</sup> ERNOUT, A. op. cit. nota 17, p. 26.

<sup>43</sup> ANDRÉ, J. op. cit. nota 40, p. 13.

O acanto era planta de folhas largas e bonitas, utilizada pela arquitetura como ornamento; o adjetivo ri-denti alude ao seu colorido alegre, cor de púrpura e à forma elegante da sua folhagem, segundo comenta Maurice Rat, em Virgile, Les Bucoliques et les Georgiques.<sup>44</sup>

### Alnus

..... narcisso floreat alnos  
(VIII, 53)

De origem indo-européia, usado na língua latina desde Catulo, segundo J. André<sup>45</sup>, é nome de planta comum junto aos cursos d'água.

### Amomum

..... Assyrium uolgo nascetur amomum  
(IV, 25)

De perfume penetrante, o amomo é planta oriental, originária da Assíria, segundo esclarece o texto, ou da Índia e Ilhas de Sonda, de acordo com J. André.<sup>46</sup> É um empréstimo grego ἀμωμον.

### Anethum

Narcissum et florem iungit bene olentis anethi;  
(II, 48)

Outro empréstimo grego, ἀνηθον é nome de plan-

---

<sup>44</sup> VIRGILE. Les Bucoliques et les Georgiques. Texto com. e trad. por Maurice Rat. Paris, Garnier, s.d. p. 214.

<sup>45</sup> ANDRÉ, J. op. cit. nota 40, p. 24.

<sup>46</sup> Ibidem, p. 28.

ta odorífera, que entrou para a língua literária com Vergílio segundo J. André.<sup>47</sup>

### Apium (apius)

Floribus atque apio crinis ornatus amaro  
(VI, 68)

Planta aquática e de pântano era frequentemente mencionada pelos autores gregos e latinos, segundo R. Billiard em sua obra L'Agriculture dans l'antiquité.<sup>48</sup> As folhas do aipo eram usadas na medicina e na confecção de coroas. Tinham o sabor amargo, daí o adjetivo amarum.

### Arbutus

et quae uos rara uiridis tegit arbutus umbra  
(VII, 46)

Planta comum nos bosques da Itália e da Grécia, de fruto comestível e cuja folhagem servia de alimentação para o rebanho. Segundo o texto, o medronheiro, arbutus, quase não fornece sombra, umbra rara. De fato, o medronheiro possui folhas muito pequenas e distantes umas das outras o que facilita a passagem do sol.

### Auena

infelix lolium et steriles nascuntur auenae  
(V, 37)

<sup>47</sup> ANDRÉ, J. op. cit. nota 40, p. 32.

<sup>48</sup> BILLIARD, R. L'agriculture dans l'antiquité. Paris, E. de Boccard, 1928. p. 463.

Os antigos utilizavam a aveia apenas para a ração de animais, segundo Columela apud R. Billiard.<sup>49</sup>

Auena, no texto deve designar a aveia selvagem, prejudicial às lavouras.

### Baccar

errantis hederas passim cum baccare tellus  
(IV, 19)

Planta odorífera, da qual extraíam um perfume muito apreciado, era também empregada como narcótico.

Ela parecia proteger contra os feitiços; assim na sétima Bucólica o pastor Tírsis dela se utiliza temendo os elogios exagerados de Codro que podiam despertar a inveja e a ira dos deuses sobre ele:

aut, si ultra placitum laudarit, baccare frontem  
cingite, ne uati noceat mala lingua futuro  
(VII, 27-28)

### Carduus

carduus et spinis surgit paliurus acutis  
(V, 39)

O cardo é vegetal que prejudica os campos de cultura, por isso R. Billiard<sup>50</sup> acha provável que o termo carduus tenha um significado extensível a toda planta semelhante.

---

<sup>49</sup> BILLIARD, R. op. cit. p. 465.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 468.

Casia

Tum, casia atque aliis intexens suauius herbis  
(II, 49)

É empréstimo grego, nome antigo e usual. Segundo J. André<sup>51</sup>, trata-se não do caneleiro mas da planta Daphne Mezereum L.

Castanea

Stant et iuniperi et castanae hirsutae  
(VII, 53)

É árvore que veio tardiamente da Ásia Menor para a Grécia e Roma. Castanae hirsutae na explicação de M. Rat<sup>52</sup>, significa propriamente, os castanheiros de frutos de casca espinhosa.

Corylus (corulus)

hic inter densas corylos modo namque gemellos  
(I, 14)

Nome proveniente do indo-europeu, corylus é palavra do vocabulário ocidental.

Cupressus (cypressus)

quantum lenta solent inter iuburna cupressi  
(I, 25)

Cupressus é empréstimo tomado, como o grego κωνίπιπος, a uma língua mediterrânea ou oriental segundo

---

<sup>51</sup> ANDRÉ, J. op. cit. nota 40, p. 75.

<sup>52</sup> VIRGILE. op. cit. nota 44, p. 223.



J. André.<sup>53</sup>

Cytisus

florentem cytisum sequitur lasciuia capella  
(II, 64)

sic cytiso pastae distendant ubere uaccae  
(IX, 31)

nec cytiso saturantur apes,.....  
(X, 30)

Empréstimo feito ao grego ΚΥΤΙΣΟΣ, usado a partir de Vergílio e de Varrão, o codeço, a julgar pelos textos, era alimento útil para o gado e também para as abelhas. Deveria contribuir para enfeitar a paisagem com as suas flores, florentem cytisum. É ainda usado como elemento ornamental dos jardins atuais, conforme informa R. Billiard.<sup>54</sup>

Fagus

Tytire, tu patulae recubans sub tegrine fagi  
(I, 1)

Tantum inter densas, umbrosa cacumina, fagos  
adsudue ueniebat.

(II, 3-4)

Árvore frondosa, cuja sombra, de acordo com o texto acima, é um convite ao repouso, a faia, fagus, costuma figurar com frequência na paisagem bucólica, fazendo

---

<sup>53</sup> ANDRÉ, J. op. cit. nota 40, p. 109.

<sup>54</sup> BILLIARD, R. op. cit. nota 48, p. 479.

lembrar as vizinhanças de Mântua, terra do poeta. É nome de origem indo-européia, antigo e de uso freqüente na língua.

### Ferula

Venit et agresti capitis Siluanus honore,  
florentis ferulas et grandia lilia quassans.

(X, 24-25)

Planta de haste longa, as férulas se associavam a Fauno, divindade representada tendo-as nas mãos. No texto figura Silvano, deus das florestas, protetor das propriedades rurais, freqüentemente confundido com Pã e com Fauno.

### Fraxinus

Fraxinus in siluis pulcherrima.....

(VII, 65)

R. Billiard<sup>55</sup> considera o freixo, planta da família das jasmináceas, como uma das mais belas árvores da Europa. O superlativo pulcherrima que ocorre neste texto vem corroborar a opinião do autor francês. O freixo fornecia também madeira de boa qualidade. Fraxinus é nome usado desde Ênio, mas de origem incerta.

### Harundo (arundo)

hic uiridis tenera praetexit harundine ripas  
Mincius,.....

(VII, 12-13)

---

<sup>55</sup> BILLIARD, R. op. cit. nota 48, p. 483.

Neste texto harundo significa uma espécie de canhão que crescia às margens dos rios, conferindo-lhes o colorido verde uiridis que Vergílio acrescenta a ripas.

Apesar de ser antigo e usual na língua, harundo é termo de origem obscura.

### Hedera

diffusos hedera uestit pallente corymbos  
(III, 39)

Nome antigo na língua latina, mas de origem incerta, a hera, hedera, era planta consagrada a Baco, muito frequente nas Bucólicas.

### Hibiscus (hibiscum)

haedorum gregem uiridi compellere hibisco  
(II, 30)

dum sedet et gracili fiscellam texit hibisco  
(X, 71)

Hibiscus parece ser espécie de malva muito alta cuja haste servia de cajado ou de vara usada pelo pastor para tocar os animais; prestava-se ainda à fabricação de diversos objetos rústicos, como o cestinho, fiscellam, a que se refere o texto acima. Palavra de origem incerta, tornou-se usual a partir de Vergílio. O termo grego ἰβίσκος é um empréstimo feito ao latim, segundo J. André.<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> ANDRÉ, J. op. cit. nota 40, p. 161.

Hyacinthus

..... Phoebo sua semper apud me  
munera sunt, lauri et suaue rubens hyacinthus  
(III, 62-63)

O texto faz referência ao jacinto e ao loureiro, plantas consagradas a Febo ou Apolo.

Segundo lenda antiga, Jacinto era amante de Febo. Zéfiro, também apaixonado por este jovem, enciumado, feriu-o mortalmente, e Jacinto foi transformado na flor que tomou seu nome e que tem nas suas pétalas a letra grega Y e também a sílaba AI.

De acordo com outra tradição, a que Vergílio alude através de uma perífrase na terceira Bucólica, o ditongo AI das pétalas do jacinto designaria as primeiras letras do nome Aiax:

Dic quibus in terris inscripti nomina regum  
nascantur flores, et Phyllida solus habeto.  
(III, 106-107)

Hyacinthus é um empréstimo ao grego ὕακινθος.

Ilex

Forte sub arguta consederat ilice Daphnis  
(VII, 1)

Nome de origem mediterrânea a azinheira é árvore muito comum na Itália.

O adjetivo arguta acrescentado a ilice encontra explicação no som produzido pela folhagem quando sob a ação do vento.

Iuncus

limosoque palus obducat pascua iunco  
(I, 48)

É o termo usual para designar o junco e diversas outras plantas semelhantes. Nome de origem incerta, empregado na língua desde Plauto.

A disjunção que ocorre no verso do adjetivo limoso e do nome iunco, ocupando ambos as extremidades do hexâmetro concorre para dar realce a um e outro termo.

Iuniperus

iuniperi grauis umbra; nocent et frugibus um-  
[ brae.  
(X, 76)

Vergílio considera a sombra do junípero nociva às colheitas.

Labrusca

..... Aspice ut antrum  
siluestris raris sparsit labrusca racemis  
(V, 6-7)

Termo de origem incerta, usado a partir de Vergílio, labrusca designa a videira brava, uitis siluestris, que quase não produz cachos, daí raris racemis.

Laurus

.....; Phoebosua semper apud me  
munera sunt, lauri et suaue rubens hyacinthus,  
(III, 62-63)

Laurus é termo usual e antigo na língua.

O loureiro era árvore consagrada a Apolo. Conta a lenda que esta divindade se apaixonou pela ninfa Dafne. Não correspondido em seus amores, perseguiu-a e quando ia alcançá-la Dafne foi transformada em loureiro.

Vários amores deste deus pastoral com ninfas ou com jovens metamorfoseados em flores ou em árvores contribuem para ligar intimamente o elemento mitológico à natureza e à vegetação.

### Lolium

Infelix lolium et steriles nascuntur auenae  
(V, 37)

Nome de origem incerta, era usado na língua de Ênio e Plauto.

O joio era planta prejudicial ao trigo e amaldiçoada pelo agricultor. O adjetivo que o acompanha, infelix, está empregado com o seu exato valor etimológico, "que não produz, estéril".

### Myrica (myrice)

Illum etiam lauri, etiam fleuere myricae  
(X, 13)

Myrica representa uma adaptação do grego *κρυία*, segundo J. André.<sup>57</sup>

O tamarindo era planta consagrada a Apolo, por vezes, representado com um ramo desta planta na mão.

---

<sup>57</sup> ANDRÉ, J. op. cit. nota 40, p. 214.

No verso acima tamarindos e loureiros se associam à dor de Galo, amigo de Vergílio, e choram a sua desgraça.

Myrtus (murtus, murta, myrta)

formosae myrtus Veneri,.....

(VII, 62)

É um empréstimo tomado ao grego μύρτος Vergílio deu preferência à forma myrtus. Myrta é forma tardia, usada a partir do século IV. Arbusto próprio das regiões quentes a murta, de acordo com o texto, era a planta preferida de Vênus.

Oliua (olea)

Lenta salix quantum pallenti cedit oliuae,

(V, 16)

Segundo J. André<sup>58</sup>, oliua é empréstimo do grego ἐλαί(φ)α e designa, como nesta língua, tanto o fruto "azeitona", como a árvore, "oliveira"; a forma neutra traduz o produto, isto é, o "azeite".

A oliveira era planta consagrada a Minerva e utilizada para o fabrico de óleo, produto que teve grande importância na economia antiga.

Ornus

..... quibus ille solebat  
cantando rigidas deducere montibus ornos

(VI, 71)

---

<sup>58</sup> ANDRÉ, J. op. cit. nota 40, p. 225.

Ornus, que se tornou termo usual a partir de Vergílio designa árvore ornamental, o "freixo silvestre".

### Paliurus

cardus<sup>s</sup> et spinis surgit paliurus acutis,  
(V, 39)

Empréstimo feito ao grego Παλιούρος é nome de planta que possui espinhos, fato que o texto procura realçar com a disjunção spinis.... acutis, palavras que figuram no final dos hemistíquios do verso.

### Pinus

..... pinus in hortis,  
(VII, 65)

O <sup>texto</sup> verso faz referência ao pinheiro, árvore ornamental dos jardins antigos.

O pinheiro era consagrado a Pã, deus dos pastores e dos rebanhos, que contava entre os seus atributos uma coroa ou um ramo desta planta.

O caráter sagrado do pinheiro é lembrado por Vergílio na sétima Bucólica quando o pastor diz que vai pendurar a flauta sonora no pinheiro sagrado, isto é, faz uso de linguagem metafórica para declarar que irá abandonar a música:

hic arguta sacra pendebit fistula pinu  
(VII, 24)

Na quarta Bucólica Vergílio faz uso da expressão poética nautica pinus, metonímia que se traduz por navio:



..... nec nautica pinus  
 mutabit merces;.....  
 (IV, 38-39)

### Pirus

Inserere, Daphni, piros;.....  
 (IX, 50)

Pirus é empréstimo tomado a uma fonte desconhecida como ocorre geralmente com os nomes de árvores frutíferas.

### Populus

Fraxinus in siluis pulcherrima, pinus in hortis,  
populus in fluuiis, abies in montibus altis:  
 (VII, 65-66)

O texto acima apresenta o choupo, populus como a mais bela das árvores que crescem junto aos rios; o freixo, fraxinus, junto aos bosques; o pinheiro, pinus, junto aos jardins e o abeto, abies, junto às montanhas.

A beleza das plantas acha-se expressa através do adjetivo pulcher, de uso raro nas Bucólicas.

O choupo é planta natural da Europa e da Ásia Menor.

Na nona Bucólica, v. 41 ocorre "candida populus", que é uma variedade do populus, o "choupo branco" ou "choupo da Holanda", também chamado populus alba.

### Quercus

de caelo tactas memini praedicere quercus  
 (I, 17)

De uso antigo na língua quercus é nome de árvore consagrada a Júpiter. O texto citado faz alusão à desgraça anunciada pelo carvalho atingido por um raio. Segundo crença popular o raio significava a divindade fora de sua tranquilidade, Iuppiter Fulgur, por isso o carvalho, árvore que atraía os raios, lhe era consagrado.

Esta crença no poder celeste remonta, segundo V. Basanoff, em sua obra, Les dieux des romains<sup>59</sup>, ao passado longínquo, por ocasião das migrações de populações indo-européias. Estas, abandonando a terra e partindo em busca do desconhecido, contavam apenas como céu para orientá-las e, por esta razão, lhe votaram o culto supremo.

Os nomes aesculus, ilex, robur são outras espécies de carvalho citados por Vergílio, segundo R. Billiard.<sup>60</sup>

### Ruscus

..... horridior rusco

(VII, 42)

De origem incerta era nome usado a partir de Vergílio e designava uma planta de hastes longas, delgadas e rugosas, "gilbarbeira".

---

<sup>59</sup> BASANOFF, V. Les dieux des romains. Paris, Presses Universitaires de France, 1942. p. 49.

<sup>60</sup> BILLIARD, R. op. cit. nota 48, p. 513.

Salictum e salix

Hyblaeis apibus florem depasta salicti  
(I, 54)

Lenta salix quantum pallenti cedit oliuae  
(V, 16)

Tanto salictum como salix designam o "salgueiro", planta cujo nome aparece com freqüência nas obras de Vergílio.

Saliunca

puniceis humilis quantum saliunca rosetis  
(V, 17)

Nome usado na língua latina desde Vergílio, palavra lígure, segundo J. André<sup>61</sup>, "a valeriana ou nardo céltico", saliunca, era planta de perfume agradável, muito comum nos bosques.

Serpullum (serpyllum)

alia serpullumque herbas contundit olentis.  
(II, 11)

Empréstimo tomado ao grego ἔρπυλλον. O s inicial resulta de falsa aproximação com serpo, diz J. André.<sup>62</sup>

O serpão é vegetal de perfume forte, assim como o alho, alium também citado no mesmo verso.

---

<sup>61</sup> ANDRÉ, J. op. cit. nota 40, p. 279.

<sup>62</sup> Ibidem, p. 290.

Taxus

Sic tuas Cyrneas fugiant examina taxos  
(IX, 30)

Esta planta, o "teixo", cresce nas montanhas e era considerada venenosa para os animais, conforme se depreende do texto.

Thymum (thymus)

dunque thymo pascentur apes,.....  
(V, 77)

Empréstimo tomado ao grego, Θύμυς, o tomilho, servia de alimento às abelhas, por isso, seu nome vem relacionado com apis.

Verbena

uerbenasque adole pinguis.....  
(VIII, 65)

Nome usado mais frequentemente no plural uerbena era conjunto de ramos que servia nas cerimônias de purificação. Desempenhou papel importante não só na magia mas também na medicina. Segundo Sérvio, apud A. Ernout e A. Meillet<sup>63</sup> muitos chamam esta planta sagrada de ros marinus, "rosmarinho, alecrim".

Viburnum

quantum lenta solent inter uiburna cupressi  
(I, 25)

---

<sup>63</sup> ERNOUT, A. & MEILLET, A. op. cit. nota 15, p. 722.

Nome de origem incerta, o viburno era arbusto de ramos flexíveis, conforme diz o texto, lenta....  
uiburna.

### Vitis

atque mala uitis falce nouellas  
(III, 11)

Antigo e usual na língua, uitis é nome de planta natural da bacia do Mediterrâneo. A cultura da vinha, planta consagrada a Baco, teve situação privilegiada no mundo agrícola e comercial da antiguidade.

Vitis designava propriamente "planta com gavinhas", posteriormente é que se especializou no sentido de "videira".

O adjetivo nouellas acrescentado a uitis ocorre com freqüência junto a nomes de animais e de plantas.

O termo que traduz "plantação de vinha", uinea aparece na quarta Bucólica:

Non rastros patietur humus, non uinea falcem  
(IV, 40)

### Ulmus

Semiputata tibi frondosa uitis in ulmo est.  
(II, 70)

Nome de origem indo-européia, usado desde Plauto, o olmo era planta que servia para suporte das videiras. Havia diversas qualidades de acordo com as informa-

ções fornecidas por J. André.<sup>64</sup>

### Vlua

Propter aquae riuum uiridi procumbit in ulua  
(VIII, 87)

De origem incerta, era planta que crescia nos pântanos, utilizada para o fabrico das redes de pesca, cordas, cestos e tendas.

Além das plantas as flores e os frutos também enriquecem o vocabulário campestre das Bucólicas:

### Flos

É palavra muito usada na língua latina, comum nas Bucólicas:

Hyblaeis apibus florem depasta salicti  
(I, 54)

narcissum et florem iungit bene olentis anethi  
(II, 48)

Nos dois textos acima Vergílio especifica o tipo de flor a que se refere: florem salicti, "flor do salgueiro" e florem olentis anethi, "flor do endrão cheiroso", enquanto em outras passagens dá a flos sentido genérico:

floribus atque apio crinis ornatus amaro  
(VI, 68)

ipsa tibi blandos fundent cunabula flores  
(IV, 23)

---

<sup>64</sup> ANDRÉ, J. op. cit. nota 40, p. 334.

Há nomes que traduzem tipos especiais de flores como:

Calta (caltha)

mollia luteola pingit uaccinia calta  
(II, 50)

Apesar de se tratar de uma flor amarela o substantivo tem a ênfaz a ela o adjetivo luteola.

Calta deve ser um empréstimo, o grego possui a palavra  $\kappa\acute{\alpha}\lambda\lambda\alpha$ .

Ligustrum

Alba ligustra cadunt, uaccinia nigra leguntur  
(II, 18)

Nome de origem incerta usado no latim desde Vergílio, ligustrum significa, no texto, as florezinhas brancas do alfeneiro, alba ligustra.

Lilium

Huc ades, o formose puer: tibi lilia plenis  
ecce ferunt Nymphae calathis; .....  
(II, 45,46)

Lilium, "lírio", também parece originar-se de uma língua não indo-européia do mesmo modo que o nome grego  $\lambda\epsilon\acute{\iota}\rho\iota\omicron\upsilon$ .

Papauer

pallentis uiolas et summa papauera carpens,  
(II, 47)

Palavra popular, papauer "papoula", é forma an-

tiga na língua, de origem incerta e que apresenta redobro na raiz.

### Viola

pallentis uiolas.....

(II, 47)

Viola, "violeta", é empréstimo feito à palavra que também originou o nome grego Viola.

Pallens uiola, não parece tratar-se de violeta branca, mas sim de goivo branco. O adjetivo pallens é de uso poético e equivale ao adjetivo lutea.

Entre os nomes que significam frutos contam-se:

### Pomum

Inserere, Daphni, puros; carpent tua poma nepotes

(IX, 50)

Nome de origem incerta, devendo tratar-se de um empréstimo como, de modo geral, os nomes de frutos em latim. Termo genérico da língua para designar o fruto, no texto refere-se propriamente às peras. No verso citado se observa tanto uma perspectiva de continuidade familiar como uma promessa de prosperidade, carpent tua poma nepotes.

Apesar de ser o produto da árvore designação especialmente por esta palavra pomum o termo fructus também pode ser empregado no mesmo sentido. Fructus significava primeiramente "direito de receber e de guardar como propriedade os frutos produzidos, gozo desses frutos, fruto, proveito". Em sentido concreto, "colheita, frutos, pro-



duto da terra, das árvores, de um animal, rendimento".  
 Numa sociedade rural, como a antiga sociedade romana, fructus serviu, por uma restrição natural de sentido, para designar os produtos da terra.

A especialização para as coisas agrícolas demonstra claramente a importância que tinha o campo para os antigos romanos.

### Castanea

castaneae molles et pressi copia lactis  
 (I, 81)

Castanea é nome que designa a "castanheira" e também a "castanha", conforme ocorre no texto acima.

### Fragum (fraga)

Qui legitis flores et humi nascentia fraga  
 (III, 92)

Fragum é palavra de origem mediterrânea, em grego  $\rho\alpha\gamma\acute{\iota}$  usada, de preferência, no plural.

### Malum

Saepibus in nostris paruum te roscida mala  
 (dux ego uester eram) uidi cum matre legentem,  
 .....  
 .....  
 ut uidi, ut perii; ut me malus abstulit error!  
 (VIII, 37-38 e 41)

Empréstimo tomado ao dórico  $\mu\acute{\alpha}\lambda\alpha$  a princípio designava diversos frutos como marmelo, pêssego, maçã; posteriormente é que malum se especializou no sen-

tido de maçã. Esta fruta, no texto, parece simbolizar o amor: a paixão do pastor se manifesta ao ver a jovem que colhe maçãs. Em outra Bucólica, Galatéia, para chamar a atenção do pastor, joga uma maçã e some entre os salgueiros:

Malo me Galatea petit, lasciuu puella,  
et fugit ad salices et se cupit ante uideri.

(III, 64-65)

### Nux

sparge, marite, nucis: .....

(VIII, 30)

Nux é palavra do vocabulário indo-europeu ocidental. O texto citado lembra um velho costume romano, segundo o qual o <sup>noivo</sup> esposo atirava nozes às crianças, demonstrando assim que renunciava aos jogos infantis pois que as nozes serviam de brinquedo na antiguidade.

### Prunum

addam cerea pruna; .....

(II, 53)

Nome usual na língua latina, prunum designa a "ameixa". O adjetivo cerea significa "cor de cera, amarelas", qualidade de ameixa muito apreciada na época.

### Vua

Vitis ut arboribus decori est, ut uitibus uuae,

(V, 32)

Vua é nome comum na língua latina desde Catão e frequente nas Bucólicas.

O presente estudo sobre o vocabulário rural revela, pois, Vergílio como grande conhecedor da vida campestre e da língua.

Graças a qualidades que lhe são próprias, equilíbrio, gosto e sensibilidade, o Poeta consegue ajustar harmoniosamente, conforme já foi observado, todos os elementos que introduz em sua obra.

## 4 - PROCESSOS HELENÍSTICOS

### 4.1 - Deuses, heróis e topônimos

O mundo grego, que se encontra no apogeu de sua civilização na metade do terceiro século a.C., irradia o helenismo pela Ásia, pelo Mediterrâneo Ocidental, pelas colônias da Magna Grécia, tornando a literatura helenística como que um elemento essencial para o desenvolvimento da cultura da época.

Conservam-se as obras helenísticas, mas, como esta literatura não se acha voltada para o passado, os poetas tentam renovar a criação literária através da escola que surge, a escola Alexandrina, assim chamada porque se desenvolveu sobretudo em Alexandria, a capital dos Ptolomeus.

Esta estética literária nova apresenta como características: cuidado com a forma, preciosismo vocabular, alusões, utilizando como matéria os mitos tradicionais nas suas expressões mais raras.

A finalidade da literatura helenística é a exaltação dos deuses e dos novos heróis que conduzem a humanidade. Esta preocupação constante com a glória irá também inspirar os poetas romanos na glorificação de seus heróis nacionais.

Nas Bucólicas, a influência helenística atinge

o vocabulário: são numerosos os nomes próprios gregos, que se relacionam com a mitologia, os nomes de heróis e nomes geográficos; muitas destas personagens se situam em regiões que também apresentam nomes gregos.

Vergílio, por vezes, dá preferência ao nome grego da divindade independente do nome latino: Apollo (VI, 73; X, 21) é a divindade que intervém frequentemente nas Bucólicas, como o deus protetor dos rebanhos e das pastagens. Para se referir a Apolo, Vergílio se utiliza ainda, várias vezes, da palavra Phoebus (III, 62; V, 9) primeiramente usada como epíteto junto a Apollo, e, posteriormente, isolada, significando a própria divindade. O termo Cynthius (VI, 3), que precisa o local de nascimento de Apolo, constitui outra maneira de o poeta aludir a esta divindade.

O nome do deus grego Bacchus (V, 30) é mais frequente que o da divindade itálica Liber (VII, 58) a ele identificada.

Vergílio prefere ainda usar Pan (II, 31, 32, 33), nome do deus arcádico, protetor dos pastores, aos deuses latinos Faunus ou Silvanus, este último citado uma única vez (X, 24).

As ninfas também possuem nomes gregos: Dryades puellas (V, 59) são as jovens Driadas, ninfas das florestas e das árvores; Hamadryades (X, 62) são ninfas prisioneiras dos carvalhos; Arethusa (X, 1), uma das ninfas de

Diana que, segundo a lenda, foi transformada em fonte.

Vergílio costuma também insistir a respeito do caráter grego da divindade. Pã, por exemplo, apresenta-se como inventor da flauta:

Pan primus calamos cera coniungere pluris  
instituit;.....

(II, 32-33)

ou

Panaque, qui primus calamos non passus inertis,

(VIII, 24)

As Parcas são as divindades que tecem os destinos:

"Talia saecla" suis dixerunt "currite" fuis  
concordes stabili fatorum numine Parcae

(IV, 46-47)

Os nomes das divindades aparecem, por vezes, designando o atributo divino e não o deus propriamente, metonímia mitológica frequente entre os alexandrinos:

Venus traduz o objeto do amor do pastor, isto é, Galatéia:

Parta meae Veneri sunt munera.....

(III, 68)

Bacchus significa o vinho:

et multo in primis hilarans conuiuia Baccho

(V, 69)

A fusão de duas lendas em uma é tradição alexandrina a que Virgílio não ficou alheio.

Quid loquar aut Scyllam Nisi, quam fama secuta est

candida succinctam latrantibus inguina monst̄ris  
 Dulichias uexasse rates, et gurgite in alto,  
 a, timidos nautas canibus lacerasse marinis,  
 (VI, 74-77)

A primeira lenda faz referência a Cila que, interessada por Minos, traiu o próprio pai, Niso, rei de Megara. Vitorioso, Minos colocou-a no mastro do navio e aí Cila foi metamorfoseada em pássaro. A segunda lenda alude a Cila, filha de Forco, por quem Glauco se apaixonou. Víctima da inveja de Circe, foi transformada em monstro marinho. Desesperada Cila atirou-se ao mar onde seus gritos causam pânico aos marinheiros.

O nascimento do amor, paixão que fere subitamente como a flecha do deus-menino, também é motivo tratado por Vergílio:

Saepibus in nostris paruum te roscida mala  
 (dux ego uester eram) uidi cum matre legentem;  
 alter ab undecimo tum me iam acceperat annus;  
 iam fragilis poteram a terra contingere ramos:  
 ut uidi, ut perii, ut me malus abstulit error!  
 (VIII, 37-41)

Os versos 37-40, que descrevem o nascimento do amor no jovem pastor, são inspirados em Teócrito (Idílio XI, 25-27):

Ἡράσθη μὲν ἔγωγε τεοῦς, κόρα, ἀνίκα πρῶτον  
 ἦνθες ἐμῆ σὺν ματρὶ θέλοισ' ὑακίνθινα φύλλα  
 ἐξ ὄρεος δρέψασθαι, ἐγὼ δ' ὄδδν ἀγεμόνευον.

(Passei a amar-te, jovem, no dia em que vieste com minha mãe para colher flores de jacinto na montanha e então eu vós servia de guia).

(Teo. XI, 25-28)<sup>65</sup>

O caráter plástico dos versos 39 e 40 faz supor uma obra de arte como fonte inspiradora ou alguma reminiscência da infância do poeta.

Numerosos são os nomes de personagens lendários e heróis ligados à mitologia: Achilles (IV, 36), herói grego, celebrado na Ilíada; Arion (VIII, 56), notável cantor grego, natural de Lesbos; Bianor (IX, 60), fundador de Mântua; Conon (III, 40), astrônomo e geômetra do século III a.C. cujas obras se perderam. Viveu na corte de Ptolomeu I do Egito, escreveu sobre a cabeleira da rainha Berenice, assunto retomado, posteriormente, por Catulo que se inspirara em obra do poeta Calímaco, desaparecida; Daphnis (V, 20), herói campestre divinizado, criador da poesia bucólica; Linus (IV, 56), filho de Apolo foi, como Orfeu, cantor e poeta; Orphaeus (III, 46), cantor fabuloso da Trácia; Paris (II, 61), herói troiano, filho de Príamo, célebre raptor de Helena; Ulixes (VIII, 70), herói grego lendário, rei de Ítaca, celebrizou-se na guerra de Tróia.

Os nomes geográficos também revelam por parte

---

<sup>65</sup> THEOCRITE. Bucoliques grecs. 3. ed. Texto est. e trad. por E. Legrand. Paris, Belles Lettres, 1946. v. 1. p. 75.



do poeta amplos conhecimentos do mundo helenístico: Ismarus (VI, 30), montanha da Trácia, onde morava Orfeu; Oaxes (I, 65), rio da Cítia; Olympus (V, 56), montanha entre a Tessália e a Macedônia; Permessus (VI, 64), rio da Esócia cujas margens inspiravam os poetas; Rhodope (VI, 30), montanha da Trácia, país da lenda de Orfeu; Tmarus (VIII, 44), monte do Epiro.

#### 4.2 - Recursos estilístico-formais

Vergílio foi poeta sempre atento à perfeição formal, o que aprendeu com os alexandrinos, sem contudo cair no exagero do requinte da forma.

As influências helenísticas abrangem também a versificação. Como Teócrito, Vergílio adotou em suas Bucólicas o hexâmetro que em suas mãos se tornou bastante flexível e expressivo.

Os versos espondaicos, ou seja, versos constituídos de duas sílabas longas no quinto pé, freqüentes entre os alexandrinos, ocorrem esporadicamente nas Bucólicas:

Cara de/um sobo/les mag/num Iouis/ incre/mentum  
(IV, 49)

Pro mo/lli uio/la, pro/ purpure/o nar/cisso  
(V, 38)

Stant et/ iunipe/ri et/ castane/ae hir/sutae  
(VII, 53)

A última palavra do verso hexâmetro costuma ter, no máximo, três sílabas. Contrariando este uso habitual Vergílio às vezes, emprega palavra polissílaba, nesta posição, procurando assim pôr em evidência um nome grego:

fagina, caelatum diuini opus Alcimedontis  
(III, 37)

Damonis Musam dicemus et Alphesiboei  
(VIII, 5)

Em outras passagens as sonoridades gregas é que se acumulam no verso vergiliano conferindo-lhe maior expressividade:

aut Tmaros aut Rhodope aut extremi Garamentes  
(VIII, 44)

Ou então, em busca do mesmo objetivo, preenchem o verso inteiro que vem constituído de palavras gregas:

Amphion Dircaeus in Actaeo Aracyntho  
(II, 24)

O verso citado evoca a figura mítica de Anfião, rei-músico, criado entre pastores, no monte Aracinto. Conseguiu levantar os muros de Tebas com o auxílio da sua lira: as pedras enternecidas com os sons harmoniosos do instrumento nas mãos do nobre músico vinham espontaneamente se sobrepôr, constituindo resistente muralha. Os epítetos Dircaeus e Actaeus realçam a evocação do personagem lendário.

A pontuação bucólica, que ocorre no quarto pé e

põe em evidência o final do verso, frequente nos poemas helênicos, também é encontrada nas Bucólicas:

In medio duo signa: Conon et.....quis fuit alter  
descripsit radio totum qui gentibus orbem,  
(III, 40-41)

siue antro potius succedimus. Aspice ut antrum  
siluestris.....sparsit labrusca racemis  
(V, 6-7)

Esta pontuação, tão apropriada ao diálogo, estabelece o encadeamento sintático do final do verso tratado com o verso seguinte.

Um processo que dá relevo ao estilo e de que Vergílio fez amplo uso nas Bucólicas é a repetição. Às vezes, são próximas e simétricas traduzindo um certo gesto alexandrino como:

Pan etiam Arcadia mecum si iudice certet,  
Pan etiam Arcadia dicat se iudice uictum.  
(IV, 58-59)

nos patriae finis et dulcia linquimus arua;  
nos patriam fugimus; tu, Tityre, lentus in umbra,  
(I, 3-4)

A repetição, no texto acima, do nome que traduz o amor ao berço natal, patria, e do pronome nos que acentua a oposição tu/nos expressa sentimento forte e vivo, intensificado com a forma simples do verbo linquere, em vez do composto relinquere, o que contribui para aumentar a expressividade do texto.

Libertas, quae sera tamen respexit inertem,  
 .....  
 respexit tamen et longo post tempore uenit  
 (I, 27 e 29)

Texto, cujo primeiro verso calou na alma dos inconfidentes mineiros, tem a sua expressividade aumentada com a repetição do verbo intensivo respexit.

Et nunc omnis ager, nunc omnis parturit arbos,  
 nunc frondent siluae, nunc formosissimus annus.  
 (III, 56-57)

As anáforas no início dos hemistíquios dos versos acima ajudam a insistir na beleza da estação do ano, formosissimus annus.

.....crudelis tu quoque, mater!  
 crudelis mater magis an puer improbus ille?  
 Improbus ille puer; crudelis tu quoque, mater.  
 (VIII, 48-50)

Aumentam a emoção e a expressividade do texto supra as frequentes repetições de substantivos mater, puer, de pronomes, tu, ille, bem como, dos adjetivos crudelis, improbus.

Huc ades, o Galatea: quis est nam ludus in undis?  
 Hic uer purpureum, uarios hic flumina circum  
 fundit humus flores; hic candida populus antro  
 imminet et lentae texunt umbracula uites.  
 Huc ades; insani feriant sine litora fluctus.  
 (IX, 39-43)

Repetições como: huc... hic... hic... huc...,  
 epítetos como purpureum, uarios, candida, lentae, insani,

que dão realce aos nomes, contribuem para conferir um certo tom lírico ao texto.

Illum etiam lauri, etiam fleuere myricae;  
pinifer illum etiam sola sub rupe iacentem  
Maenalus et gelidi fleuerunt saxa Lycaeii.

(X, 13-15)

As repetições constantes desta passagem enfatizam a participação da natureza, - característica da Bucólica vergiliana - ao sofrimento de Galo, amigo de Vergílio.

Nem sempre porém as repetições encontram-se muito próximas; podem ocorrer distanciadas na mesma Bucólica ou em Bucólicas diversas, demonstrando a delicada percepção auditiva do poeta:

Na oitava Bucólica o quinto verso muito se assemelha ao primeiro:

Pastorum musam Damonis et Alphesiboei,

(VIII, 1)

Damonis musam dicemus et Alphesiboei.

(VIII, 5)

O oitavo verso da sexta Bucólica quase repete textualmente o segundo do primeiro poema:

siluestrem tenui musam meditaris auena;

(I, 2)

agrestem tenui meditabor harundine musam.

(VI, 8)

O tom patético de um dos versos da segunda Bu-

cólica vai repetir-se na sexta fazendo uso de vocabulário semelhante:

A! Corydon, Corydon, quae te dementia cepit?  
(II, 69)

A! uirgo infelix, quae te dementia cepit!  
(VI, 47)

Vergílio é poeta extremamente sensível às impressões sonoras; retém ou reproduz as que recebeu ou as que ele próprio evocou, diz Marouzeau no artigo Répétitions et hantises verbales chez Virgile<sup>66</sup>, de modo que as repetições constituem característica marcante da sua obra.

A comparação é outro traço característico da poesia helenística de que Vergílio se utilizou com frequência, podendo-se perceber o modelo teocriteano no verso:

Muscosi fontes et somno mollior herba  
(VII, 45)

Μαλακώτεροι ἕπινω

(mais suaves que o sono.)

(Teo. XV, 125)<sup>67</sup>

O texto abaixo que faz comparações de Dáfnis com elementos ligados ao campo também lembra Teócrito:

<sup>66</sup> MAROUZEAU, F. Répétitions et hantises verbales chez Virgile. Révue des études latines, Paris, 2:237-65, 1934

<sup>67</sup> THEOCRITE. op. cit. nota 65, p. 126.

Vitis ut arboribus decori est, ut uitibus uuae,  
 ut gregibus tauri, segetes ut pinguibus aruis,  
 tu decus omne tuis.

(V, 32-34)

Τῆ δρυὶ ται βάλανοι κόσμος, τῆ μαλίδι μάλα,  
 τῆ βοῖ δ' ἄ μόσχος, τῆ βουκόλῃ αἱ βόες αὐταί.

(A bolota enfeitada o carvalho; as maçãs, a ma-  
 cieira; o bezerro, a vaca; as vacas, o pastor).

(Pseudo-Teo. VIII, 79-80)<sup>68</sup>

Além desta comparação rústica a quinta Bucólica

contém outras como:

Tale tuom carmen nobis, diuine poeta,  
 quale sopor fessis in gramine, quae per aestum  
 dulcis aquae saliente sitim restinguere riuo.

(V, 45-47)

Nestes versos também ocorrem reminiscências teo-  
 criteanas:

\*Ἄδιον, ὦ ποιμὴν, τὸ τεδὸν μέλος ἢ τὸ καταχέξ  
 τῆν' ἀπὸ τῆς πέτρας καταλείβεται ὑψόθεν ὕδαρ.

(O teu canto, ó pastor, é mais doce que o ba-  
 rulho desta água que flui do alto do rochedo).

(Teo. I, 7-8)<sup>69</sup>

<sup>68</sup> PSEUDO-THEOCRITAE et alii. Bucoliques grecs. Texto  
 est. e trad. por E. Legrand. Paris, Belles Lettres,  
 1927. p. 20.

<sup>69</sup> THEOCRITAE. op. cit. nota 65, p. 20.

O texto latino supra contém imagens que evocam equilíbrio e harmonia no meio da natureza, confundindo a inspiração poética com sensações suaves e sons musicais.

Os detalhes descritivos do último verso se acentuam com a repetição das sibilantes e das vibrantes: galiente sitim restinguere riuo.

Aliás, em toda a obra vergiliana observa-se a atenção especial do autor em relação aos sons. Assim, por exemplo, no verso que segue ele aproveita a sonoridade abafada do u e o rolar do r para evocar o arrulho da rola:

nec gemere aeria cessabit turtur ab ulmo  
(I, 58)

Quase no final desta Bucólica ocorre outra comparação rústica digna de nota:

Quae tibi, quae tali reddam pro carmine dona?  
Nam neque me tantum uenientis sibilus Austri  
nec percussa iuuant fluctu tam litora, nec quae  
saxosas inter decurrunt flumina uallis.  
(V, 81-84)

Este texto apresenta imagens nitidamente auditivas: o silvo do vento, o bater das ondas no litoral e a queda das águas na cascata, descrita em verso hexâmetro em que dominam os espondeus, acentuam a força impetuosa dos elementos naturais contemplada pelo pastor:

sãxô/sãs ín/tēr dē/cūrrūnt/ flūmīnā/ uāllis

A Galatéia da Bucólica vergiliana faz lembrar a dos Idílios de Teócrito pela semelhança das comparações:



Nerine Galatea, thymo mihi dulcior Hyblae,  
candidior cycnis, hederā formosior alba,  
(VII, 37-38)

Ἦ λευκά Γαλάτεια, τί τὸν φιλέοντ' ἀποβάλλῃ,  
λευκότερα πακτᾶς ποτιδεῖν, ἀπαλωτέρα ἀρνός,  
μόσχῳ γαυροτέρα, φιαρωτέρα δμφακος ὄμδς.

(Branca Galatéia, por que repeles o que te ama?  
Tu, que és mais branca que o leite, mais terna  
que o cordeiro, mais viva que a novilha, mais  
brilhante que a uva verde).  
(Teo. XI, 19-21)<sup>70</sup>

#### 4.3 - As alusões

As alusões comuns na poesia alexandrina também caracterizam o bucolismo vergiliano contribuindo vigorosamente para sua valorização estilística. Entre estas, cumpre salientar as frequentes alusões mitológicas que denotam os amplos conhecimentos do poeta sobre os assuntos relacionados aos deuses e heróis míticos.

Assim, por exemplo, o verso seguinte, descreve a gravura ornamental de uma taça, quadro alusivo à lenda de Orfeu, que encantava as florestas com os sons melódiosos de sua lira:

Orpheaque in medio posuit, siluasque sequentis  
(III, 46)

---

<sup>70</sup> THEOCRITE. op. cit. nota 65, p. 20.

A sexta Bucólica apresenta alusões mitológicas interessantes como:

A alusão a Pirra e seu marido Deucalião, que, sobreviventes do dilúvio foram transportados para o alto do monte Parnaso. Aí o oráculo de Apolo exortou-os a repovoar o mundo, atirando para trás "os ossos maternos", isto é, as pedras da terra. As jogadas por Deucalião transformaram-se em homens, as jogadas por Pirra, em mulheres. Vergílio lembra o episódio no seguinte trecho do verso:

Hinc lapides Pyrrhae iactos,.....  
(VI, 41)

Outra alusão mitológica recorda Prometeu que, tendo roubado o fogo celeste, para animar o corpo do homem feito do limo da terra, foi castigado por Júpiter que o acorrentou ao Cáucaso. Aí dois abutres - e não um abutre conforme a versão mais corrente - devoravam-lhe o fígado que renascia constantemente:

Caucasiasque refert uolucres, furtumque Promethei  
(VI, 42)

A figura trágica de Medéia que enforcou os filhos para se vingar do marido, Jasão, que a abandonara a fim de desposar a filha de Cresos, rei de Corinto, também mereceu uma referência na seguinte passagem:

Saeuos Amor docuit natorum sanguine matrem

commaculare manus;.....

(VIII, 47)

Encontra-se, porém, nas Bucólicas, outro tipo de alusão que vem comprovar a originalidade vergiliana: são as alusões a ocorrências e personagens contemporâneas que contribuíram para dar um caráter atual à obra.

Assim, pois, as alusões a Otávio, divinizado pelo pastor Títiro, marcam a seguinte passagem da primeira Bucólica:

O Meliboee, deus nobis haec otia fecit:  
namque erit ille mihi semper deus;

(I, 6-7)

Mais adiante Otávio é chamado iuuenis e o pastor diz que o colocará entre os deuses:

Hic illum uidi iuuenem, Meliboee, quotannis  
bis senos cui nostra dies altaria fumant.

(I, 42-43)

A quinta Bucólica contém alusões veladas a César; celebrando a apoteose do pastor Dáfnis, neste poema escrito após os idos de março, Vergílio faz lembrar esta grande figura. Assim, faz alusão ao túmulo e às cerimônias que acompanharam o seu sepultamento, se bem que apresentados com caráter bucólico - junto à fonte, com folhas espalhadas pelo chão e guirlandas - como convém a este tipo de composição.

Spargite humum follis, inducite fontibus umbras,  
pastores (mandat fieri sibi talia Daphnis),

et tumulum facite, et tumulo superaddite carmen:  
(V, 40-43)

A beleza física de César mereceu uma referência e acha-se expressa no epíteto formosior, aplicável tanto a Dáfnis como a César:

Formosi pecoris custos formosior ipse.  
(V, 44)

Também a sua bondade não foi omitida:

.....: amat bonus otia Daphnis.  
(V, 61)

Alusão ao poder divino de Dáfnis-César acha-se manifesta na passagem:

.....: damnabis tu quoque uotis.  
(V, 80)

Um verso da nona Bucólica alude ao cometa que surgiu por ocasião dos jogos celebrados em homenagem póstuma a César, então consagrado pelo povo:

Ecce Dionaei processit Caesaris astrum  
(IX, 47)

A quarta Bucólica muito deve ter concorrido para despertar o interesse geral, como já foi dito anteriormente, pois contém alusões ao nascimento de uma criança e ao surgimento de uma nova era, a idade de ouro. Esta Bucólica é portadora de uma mensagem de esperança e de otimismo.

Os versos que seguem aludem à nova geração que vai surgir:

Vltima Cumaei uenit iam carminis aetas;  
magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.

(IV, 4-5)

A idéia de renovação é constante na Bucólica: virá uma nova raça, noua progenies (v. 7) e mais precisamente, uma criança, nascenti puero (v. 8).

A palavra sceleris (v. 13) é alusão à perversidade humana, conforme esclarece o verso:

Pauca tamen suberunt priscae uestigio fraudis

(IV, 31)

As Bucólicas contêm ainda alusões a um problema político que deve ter despertado o mais vivo interesse dos contemporâneos: as expropriações de terras que acarretaram a revolta e veemente protestos dos proprietários rurais:

O Lycida, uiui peruenimus, aduena nostri

(quod nunquam ueriti sumus) ut possessor agelli diceret: "Haec mea sunt; ueteres migrate coloni."

Nunc uicti, tristes, quoniam fors omnia uersat, hos illi (quod nec uertat bene!) mittimus haedos.

(IX, 2-6)

O texto acima é impregnado da viva emoção que domina o pastor Méris, emoção que se traduz pela anteposição do adjetivo uiui pela anástrofe da conjunção ut e ainda pela violenta disjunção que ocorre nostri ..... agelli, figurando ambos, possessivo e substantivo no final do hexâmetro.

Na elaboração de seus poemas, para desenvolver

um assunto romano, Vergílio recorreu, pois, às técnicas fornecidas pela cultura helenística.

Se os empréstimos gregos se manifestam frequentemente em sua obra, ensina A. Meillet, em Esquisse d'une histoire de la langue latine<sup>71</sup>, é para fazer sentir que, embora seja romana, também é grega, isto é, universal.

Para finalizar convém lembrar que o eminente humanista, Leopold Senghor, em conferência recente intitulada Le Sénégal, le latin et les humanités classiques<sup>72</sup>, ressalta a superioridade das literaturas clássicas, através de Vergílio e de Píndaro, sobre as literaturas modernas, no plano artístico: comparações, musicalidade verbal e ritmo do verso.

Estes depoimentos consagram a obra vergiliana perante as civilizações contemporâneas de ascendência greco-latina.

---

<sup>71</sup> MEILLET, A. Esquisse d'une histoire de la langue latine. Paris, Hachette, 1933.

<sup>72</sup> SENGHOR, Leopold Sedar. Le Sénégal, le latin et les humanités classiques. In: Bulletin de l'Association Guillaume Budé, Paris, 4. série(1):47-61, mars, 1974.

## CONCLUSÃO

Através das Bucólicas, Vergílio mostra-se um poeta bastante amadurecido, embora sejam estes poemas sua obra inicial. Nelas já se revelam os méritos do futuro autor da epopéia máxima dos romanos. Partindo de composições ligadas ao campo, Vergílio inaugura sua trajetória literária em busca da perfeição e do equilíbrio artístico que o consagraram, através dos tempos, como o maior poeta da latinidade.

Desta forma, cumpre destacar os resultados obtidos neste estudo:

1. Vergílio revela-se profundo conhecedor do meio rural itálico, em suas Bucólicas, pela precisão e harmonia com que o apresenta, fazendo desfilar os pastores, ora ocupados em seus afazeres, ora improvisando canções rústicas. Ressalta-se desta forma, a exatidão com que o autor apresenta os termos referentes a ações relacionadas com o ambiente rural.

2. A natureza vergiliana reflete a vida tranqüila e feliz dos pastores arcádicos, entretidos na exaltação de seus deuses e heróis campestres, seus amores, aventuras e tarefas.

3. O gosto pelos poemas campestres deixa transparecer o apego do romano à natureza - reminiscência de

suas origens indo-européias, pois seus ancestrais pertenciam a uma sociedade rural. E o romano do período clássico não se desapegou desse amor à terra, como bem o demonstra a arte de jardinagem em Roma.

4. O vocabulário vergiliano apresenta uma precisão rigorosa na designação dos animais do pastoreio, a ponto de distinguir termos até mesmo referentes à idade.

5. Na designação da flora, Vergílio demonstra possuir numerosas informações não só por sua ascendência rural já referida, mas principalmente pelos conhecimentos adquiridos em numerosas leituras.

6. Para designar instrumentos de sopro, utilizados pelo pastor no acompanhamento das canções, o vocabulário vergiliano é bastante diversificado, dada a variedade de caniços empregados na confecção das flautas.

7. No que respeita à tradição literária, Vergílio utilizou recursos de procedência helenística: exaltação de deuses e heróis gregos, fusão de lendas, emprego de termos geográficos helênicos.

8. A métrica vergiliana assenta no hexâmetro grego, já ensaiado por seus antecessores, mas em Vergílio adquire flexibilidade e expressividade graças ao apuro da forma e ao senso de equilíbrio e sobriedade característicos da sua poemática.



9. Além da métrica, despontam como recursos estilísticos, nas Bucólicas, as repetições de palavras ou segmentos de frase, indispensáveis à sonoridade do verso ao realce das idéias, bem como a utilização da linguagem figurada, que se traduz sobretudo por metonímias e comparações.

10. As alusões são outro processo vergiliano que se apresenta nas Bucólicas, quer através da reminiscência de fatos ligados à mitologia grega, quer pela afirmação da romanidade caracterizada pela referência a acontecimentos políticos e literários da atualidade romana.

## BIBLIOGRAFIA

1. ANDRÉ, Jacques. Lexique des termes de botanique en latin. Paris, Klincksieck, 1956.
2. BASANOFF, V. Les dieux des romains. Paris, P.U.F., 1942.
3. BELLESORT, André. Virgile, son oeuvre et son temps. Paris, Perrin et Cie., 1920.
4. BENVENISTE, E. Le vocabulaire des institutions indo-européennes. Paris, Minuit, 1969. 2. v.
5. BILLIARD, Raymond. L'agriculture dans l'antiquité. Paris, E. de Boccard, 1928.
6. BOLEO, Manuel de Paiva. O bucolismo de Teócrito e de Vergílio. Coimbra, Bibl. Universidade, 1936.
7. CARCOPINO, J. Virgile et le mystère de la IV<sup>e</sup> Églogue. Paris, Artisan du Livre, 1948.
8. CATULLE. Poésies. Trad. Georges Lafaye, Paris, Belles Lettres, 1958.
9. CICERON. Tusculanes. Trad. Jules Humbert, Paris, Belles Lettres, 1931. v. 1.
10. COHEN, J. Structure du langage poétique. Paris, Flammarion, 1966.

11. CROISSET, A. & CROISSET, M. Histoire de la littérature grecque. Paris, E. de Boccard, 1928. v. 5.
12. CUNHA, Celso. Língua portuguesa e realidade brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro, TB, 1970.
13. DAREMBERG, Ch. & SAGLIO, Edm. Dictionnaire des antiquités grecques et romaines. Paris, Hachette, 1887-1896. 10 v.
14. DESPORT, Marie. L'incantation virgilienne. Bordeaux, Imprimerie Delmas, 1952.
15. ELIA, Sílvio. Os elementos osco-umbros no vocabulário latino. Rio de Janeiro, s. ed., 1960. | tese de concurso para provimento de uma cátedra de Latim do Colégio Pedro II |
16. ELLIOT, T. S. A essência da poesia. Trad. Maria Luíza Nogueira, Rio de Janeiro, Arte Nova, 1972.
17. ERNOUT, Alfred. Aspects du vocabulaire latin. Klincksieck, Paris, 1954.
18. ----- . Les éléments dialéctaux du vocabulaire latin. Librairie Ancienne Honoré Champion, Paris, 1942.
19. ----- . Philologica. Paris, Klincksieck, 1946-1957. 2. v.

20. ERNOUT, A. & MEILLET, A. Dictionnaire étymologique de la langue latine; histoire des mots. 4. ed. rev. corr. augm., Paris, Klincksieck, 1959.
21. FARIA, Ernesto. Vocabulário latino-português. Rio de Janeiro, Briguiet, 1943.
22. FORCELLINI, Aegidio et alii. Lexicon totius latinitatis. Patavii typis Seminarii, 1940. 6. v.
23. GAFFIOT, Félix. Dictionnaire illustré latin-français. Paris, Hachette, 1934.
24. GRENIER, Albert. Le génie romain dans la religion, la pensée et l'art. Paris, La Renaissance du Livre, 1925.
25. GRIMAL, Pierre. Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine. Paris, PUF, 1951.
26. ----- . La littérature latine. Paris, PUF, 1965  
(Que sais-je?, 327).
27. ----- . L'art des jardins. Paris, PUF, 1954. (Que sais-je?, 618).
28. GUILLEMIN, A. L'unité de l'oeuvre virgilienne. Revue des études latines. Paris, 189-203, 1949.
29. ----- . Virgile poète, artiste et penseur. Paris, Albin Michel, 1951.

30. HEROUVILLE, P. A la campagne avec Virgile. Paris, Belles Lettres, 1930.
31. ----- . Champs, vergers, forêts. Paris, Belles Lettres, 1942.
32. ----- . Les oiseaux de Virgile. Revue des études latines. Paris, 46-72, 1928. v. 6.
33. HIRTZEL, Fredericus Arturus. Vergili Maronis Opera. Oxonii e typographeo clarendoniano, 1956.
34. HERMANN, Léon. Les masques et les visages dans les Bucoliques de Virgile. Bruxelles, Univ. de Bruxelles, 1930.
35. HORACE. Odes et Épodes. Trad. F. Villeneuve, Paris, Belles Lettres, 1946.
36. JEANMAIRE, H. Le messianisme de Virgile. Paris, J. Vrin, 1930.
37. LAVEDAN, Pierre. Dictionnaire de la mythologie et des antiquités grecques et romaines. 3. ed. rev., Paris, Hachette, 1931.
38. LUCRECE. De la nature. Trad. A. Ernout. 2. ed. rev. corr., Paris, Belles Lettres, 1924.
39. MAROUZEAU, J. Quelques aspects de la formation du latin littéraire. Klincksieck, 1949.

40. ----- . Repetitions et hantises verbales chez Virgile. Révue des études latines. Paris, 9:237-57, 1931.
41. ----- . Traité de stylistique latine. Paris, Belles Lettres, 1946.
42. ----- . Virgile linguiste. Mélanges de philologie, de littérature et d'histoire anciennes offerts à Alfred Ernout. Paris, Klincksieck, 1940. p. 259-65.
43. MAURY, Paul. Le secret de Virgile et l'architecture des Bucoliques. In: Lettres d'Humanité, Paris, 3: 71-147, 1944.
44. MEILLET, A. Esquisse d'une histoire de la langue latine. Paris, Hachette, 1933.
45. MILLER, Neil. O elemento pastoril no teatro de Gil Vicente. Porto, Inova, 1970.
46. NISARD, M. Collection des auteurs latins. Paris, Firmin-Didot, 1883. v. 1.
47. NOUGARET, Louis. Traité de métrique latine classique. Paris, Klincksieck, 1948.
48. PARATORE, Ettore. Virgilio. Roma, Faro, 1945.
49. PAULYS & WISSOWA, G. Real Encyclopadie der Classis-

- chen Altertumswissenschaft. Stuttgart J. N. Metzlersche Buchhandlung, 1899. v. 3. p. 998-1011.
50. PERRRET, Jacques. Virgile. Paris, Seuil, 1959.
51. ----- . Virgile, l'homme et l'oeuvre. Paris, Boivin, 1952.
52. PHEDRE. Fables. Trad. Alice Brenot, Paris, Belles Lettres, 1924.
53. PLESSIS, F. & LEJAY, P. Oeuvres de Virgile; texte latin publié avec une introduction biographique et littéraire. Paris, Hachette, 1918.
54. PLINE, A. Histoire naturelle. Trad. A. Ernout, Paris, Belles Lettres, 1952. v. 8.
55. ----- . Histoire naturelle. Trad. A. Ernout et R. Pépin, Paris, Belles Lettres, 1947. v. 11.
56. RICHTER, A. Virgile, la huitième Bucolique. Paris, Belles Lettres, 1970.
57. ROIRON. Étude sur l'imagination auditive de Virgile. Paris, Ernest Leroux, 1908.
58. RUWET, Nicolas. Langage, musique, poésie. Paris, Seuil, 1972.

59. PSEUDO-THEOCRITE et alii. Bucoliques grecs. Trad. Legrand, Paris, Belles Lettres, 1927.
60. SENGHOR, Leopold Sedar. Le Sénégal, le latin et les humanités classiques. In: Bulletin de l'Association Guillaume Budé, Paris, 4. série (1):47-61, mars, 1974.
61. THEOCRITE. Bucoliques grecs. 3. ed. Trad. Legrand. Paris, Belles Lettres, 1946.
62. VIRGILE. Bucoliques. Trad. E. de Saint-Denis, Paris, Belles Lettres, 1942.
63. ----- . Bucoliques. 2. ed. Trad. Henri Goelzer. Paris, Belles Lettres, 1933.
64. ----- . Enéide. Texte établi par Henri Goelzer et trad. par André Bellessort. Paris, Belles Lettres, 1967. 2. v.
65. ----- . Géorgiques. Trad. E. de Saint Denis, Paris, Belles Lettres, 1956.
66. ----- . Les Bucoliques. 2. ed. Com. par Jacques Perret, Paris, PUF, 1970.
67. ----- . Les Bucoliques et les Géorgiques. Trad. Maurice Rat, Paris, Garnier Frères, s.d.



FARIA, Ruth Junqueira de. Aspectos lexicais e estilísticos do bucolismo vergiliano. Rio de Janeiro, 1974. mimeo. Dissertação de Mestrado.

#### RESUMÉ

Ce travail contient une étude sur le bucolisme virgilien, duquel font partie une nature conçue selon le milieu des bergers arcadiens, leurs amours et leurs chansons. Le vocabulaire bucolique du poète mantouen comprend des termes liés à la faune, à la végétation et aux activités de la vie champêtre. Pour arriver à son but, Virgile a fait la fusion de la tradition littéraire avec l'actualité romaine, en donnant ainsi une originalité esthétique à son oeuvre. D'après la tradition littéraire, il se sert de différentes ressources hellénistiques: motifs mythologiques et géographiques, allusions, métonymies, comparaisons, répétitions, le vers hexamètre. Le caractère romain de ses Bucoliques s'affirme à travers l'actualité qu'elles présentent. Cet esprit de romanité se traduit par l'amour de la vie rurale et par son engagement avec l'idéal politique d'Auguste: la Pax Romana.

Impressão: J.C.M.S. - Serviços Reprográficos  
Rua Washington Luís 51 S/L 201 - Centro  
Rio de Janeiro - GB